



Instituto de Artes

Departamento de Design

Suzana Maria Abreu e Silva – 10/0020763

1/1

Repensando calçados, sociedade e design

Relatório apresentado ao Departamento de Design da Universidade de Brasília como trabalho realizado ao longo da Diplomação em Projeto de Produto, com a orientação do Prof. Tiago Barros

Brasília, 2015

Gostaria de agradecer imensamente, antes de tudo ao meu orientador, Tiago Barros, que aceitou orientar um projeto de produto e conseguiu me salva da bagunça que estava na minha cabeça. Você acreditou no meu projeto e em algumas vezes até mais do que eu mesma acreditei.

Aos amigos que aguentaram o meus sumiço e a minha família que aguentou a minha ausência na hora de lavar a ,louça (apesar de muito esforço)

Aos sapateiros Alex de Moura Dias, Fábio Lopes da Silva e Walter Santos da Silva, e ao pessoal da sapataria Limeira, que me deu uma super força quando eu quebrei a cabeça pra entender como se fazia um calçado.

Ao Yuri, que me deu as melhores ideias e aguentou todos os meus dramas desses últimos meses. Obrigada mesmo, sem você eu não teria visto muito do que vi.

A todas as pessoas que me doaram roupas e responderam as minhas várias perguntas no facebook. Sem vocês não tinha projeto

A todas as pessoas que tão correndo atrás e me mostraram que a revolução é possível sim, é só preciso tentar.

"There is no such thing as single-issue

struggle because we do not live single-issue lives" Audre Lorde

RESUMO

Este relatório apresenta a investigação teórica e prática que resultou em uma pequena coleção baseada nos conceitos do movimento *Slow Fashion*, se utilizando de upcycling e pesquisas sobre Brasília humanizada. Esse projeto foi realizado na matéria de Diplomação em Projeto de Produto, do departamento de Design da Universidade de Brasília. Partiu-se de uma inquietação pessoal acerca do sistema neoliberal e o papel do designer e da moda nesse contexto. A partir disso, é feita uma pesquisa teórica sobre o sistema neoliberal, indústrias, impactos ambientais, lógicas de consumo e movimentos de combate, tais como o Decrescimento e o movimento *Slow* e sobre o contexto de Brasília, esta como pesquisa imagética e de produção

Palavras chaves: Moda, Upcycling, Slow Fashion, Brasília, Calçados

ABSTRACT

This report presents the theoretical and practical research which resulted in a small collection of shoes, following the criteria of the Slow Fashion movement, using of upcycling and researching on humanized Brasilia. This project was as a Product Design Bachelor degree project at the University of Brasilia. It started from a personal concern about the neoliberal system and the role of designer and fashion in this context. From this, a theoretical research on the neoliberal system, industrial, environmental, logical consumption and combat moves such as the degrowth and the Slow movement is made. And the context of Brasilia, as imagery and research of production

Words key: Fashion, Upcycling, Slow Fashion, Brasilia, Shoes

SUMÁRIO

- 1.Introdução – 8
- 2.Método – 10
- 3.Design e Neoliberalismo – 12
- 4.Uma crítica ao modelo vigente – 15
- 5.O designer no sistema – 21
- 6.Combate – 22
 - 6.1 Perspectivas de decrescimento – Movimento *Slow* - 22
 - 6.2 Slow Fashion – 23
 - 6.3 Upcycling – 25
7. Calçados – 32
8. Brasília – 36
 - 8.1 Brasília humanizada – 36
9. Soluções – 38
 - 9.1 Puxadinhos – 38
 - 9.2 Chão quebrado – 41
 - 9.3 Janelas – 42
 - 9.4 Caminhos da esplanada – 44
10. Croquis – 46
 - 10.1 Puxadinho – 46
 - 10.2 Chão quebrado – 46
 - 10.3 Janelas – 47
 - 10.4 Caminhos da esplanada – 47
11. Materiais – 48
12. Fabricação do calçado – 51
13. Conclusões - 61

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Mapa metodológico
- Figura 2 – Sistema de produção de bens
- Figura 3 – Rana Plaza
- Figura 4 – Diferença entre trabalho escravo moderno e contemporâneo
- Figura 5 – Piazza di Spagna
- Figura 6 – Empresas *Slow Fashion*. Matricaria, Helmet e Quero Melancia
- Figura 7 – petit h.
- Figura 8 – petit h.
- Figura 9 – petit h.
- Figura 10 – Rememberme chair
- Figura 11 – Rememberme chair
- Figura 12 – Insecta Shoes
- Figura 13 – Insecta Shoes
- Figura 14 – Geology of shoes
- Figura 15 – Geology of shoes
- Figura 16 – Puxadinho
- Figura 17 – Primeira fase de abstração dos puxadinhos
- Figura 18 – Abstração visual dos puxadinhos
- Figura 19 – Chão quebrado do plano piloto
- Figura 20 – Primeira abstração do chão quebrado
- Figura 21 – Abstração do chão quebrado
- Figura 22 – Janelas da 403 sul
- Figura 23 – Abstração inicial das janelas
- Figura 24 – Caminhos da Esplanada
- Figura 25 - Abstração dos caminhos da Esplanada
- Figura 26 – Sandália Puxadinho
- Figura 27 – Sandália chão quebrado
- Figura 28 – Sapato Janelas
- Figura 29 – Sandália caminhos da Esplanada
- Figura 30 – Moradores de Brasília
- Figura 31 – Doações
- Figura 32 – Diferenças entre tipos de roupas coletadas
- Figura 33 – Sapataria
- Figura 34 – Modelagem
- Figura 35 – Medições do pé
- Figura 36 – Moldes sobre camiseta
- Figura 37 – Peças sobre forro
- Figura 38 – Pesponto
- Figura 39 – Peças pespontadas com erro
- Figura 40 – Desenho da palmilha
- Figura 41 – Palmilha
- Figura 42 – Montagem do primeiro protótipo
- Figura 43 – Primeiro protótipo e erros de acabamento
- Figura 44 – Bermuda do segundo protótipo
- Figura 45 – Segundo Protótipo
- Figura 46 – Segundo Protótipo

1.Introdução

O sistema neoliberal criou a oportunidade para que grandes corporações se aliassem ao Governo na composição de uma rede complexa de relações que determina hoje nossa economia. Contudo, existem hoje muitas críticas quanto aos benefícios dessas relações para o nosso meio social e ambiental. Em uma sociedade pautada pelo consumo, com ações que partem de uma prerrogativa necessariamente mercadológica, essas grandes empresas são responsáveis pelo aumento de impactos ambientais, sociais e econômicos atuais, agindo sobre o guarda-chuva estatal (LEBOW, 1955).

O pensamento hegemônico de crescimento é hoje questionado devido a impossibilidade de crescimento acelerado em um ambiente de recursos finitos. Nesse sentido, outras abordagens de pensamento sobre o nosso modo de consumo têm se apresentado como uma alternativa ao modelo vigente, visando adequar o nosso cotidiano aos limites de transformação sustentável de nosso meio. Entre eles, encontra-se o movimento *slow*, revisando a noção de progresso pela celeridade de produção e consumo.

Roupas são uma dos pontos mais fortes de consumo na atualidade, sendo também um dos pilares da construção social de identidade. Para Crane (2012), a escolha das roupas criam um campo excelente para o estudo de como as pessoas interpretam uma cultura específica para o seus propósitos próprios, o que inclui interpretar e apropriar visualidades de forma particular em cada período de tempo, o que é conhecido como Moda. E essa apropriação é responsável por criar distinções de gênero, classe e grupos sociais.

O consumo notável de vestimenta se dá pelo fato de roupas serem um item obrigatório na socialização humana. Dessa forma, grandes empresas se valem da moda para criar desejo, necessidade no consumidor, criando assim um ciclo ininterrupto de consumo.

A moda possui a capacidade de transformar ideias individuais em pensamento coletivo. Ou até mesmo exprimir o pensamento coletivo de tal forma que ele seja traduzido como uma ideia individual. Tal como acontece no universo da arte. E ao mesmo tempo que a moda possui a capacidade de emocionar, criar identificação, a moda consegue também ser conivente com as grandes falhas de um

sistema neoliberal, tendo em vista que roupas não podem ser consideradas só arte.

São também objetos de consumo. E em uma sociedade de consumo, onde ter é o equivalente a ser, quanto mais uma pessoa tem, mais satisfeita, realizada ela será, ou pelo menos essa é a ideia que todo um sistema vende. Segundo Hoskins (2014), a sociedade sofre de um transtorno possessivo compulsivo ao invés de sentir apressado pelas coisas. E moda, como o resto da arte, está presa a essa grande teia de comércio e competição.

Nesse contexto, o objetivo do presente projeto é desenvolver uma coleção de sapatos que se baseie na ideia de que é possível a desaceleração do processo produtivo e de consumo, criando um produto que seja durável e que vise ir de embate com os vários tipos de obsolescência naturalizados na moda atual e que se adequem a realidade de produção de Brasília, que se constitui não necessariamente de uma produção industrial, mas sim em sua grande maioria artesanal.

Assim, pretende-se especificamente:

- Estudar a conjunção atual do universo da moda e como suas práticas afetam o meio ambiente, tais como a sociedade e a economia;
- Levantar problemáticas relevantes para o contexto de produção de moda;
- Conceber um produto durável que se enquadre nos conceitos do movimento Slow Fashion e com a ideia de Fairtrade.

2.Método

O método foi estabelecido ao longo do projeto. Começou na definição da problemática da indústria da moda, seguindo para uma abordagem mais ampla, sobre a estrutura capitalista. Após a contextualização, foi feito um estudo sobre produção local e assim, encontrou-se o tema dos sapatos, Brasília.

Seguiu para revisão teórica sobre Brasília, estudos práticos sobre sapataria artesanal, pesquisa de referencias conceituais e visuais, estudos sobre upcycling, desenvolvimento de coleção, coleta de materiais, definição de modelo para a fabricação, fabricação e conclusões.

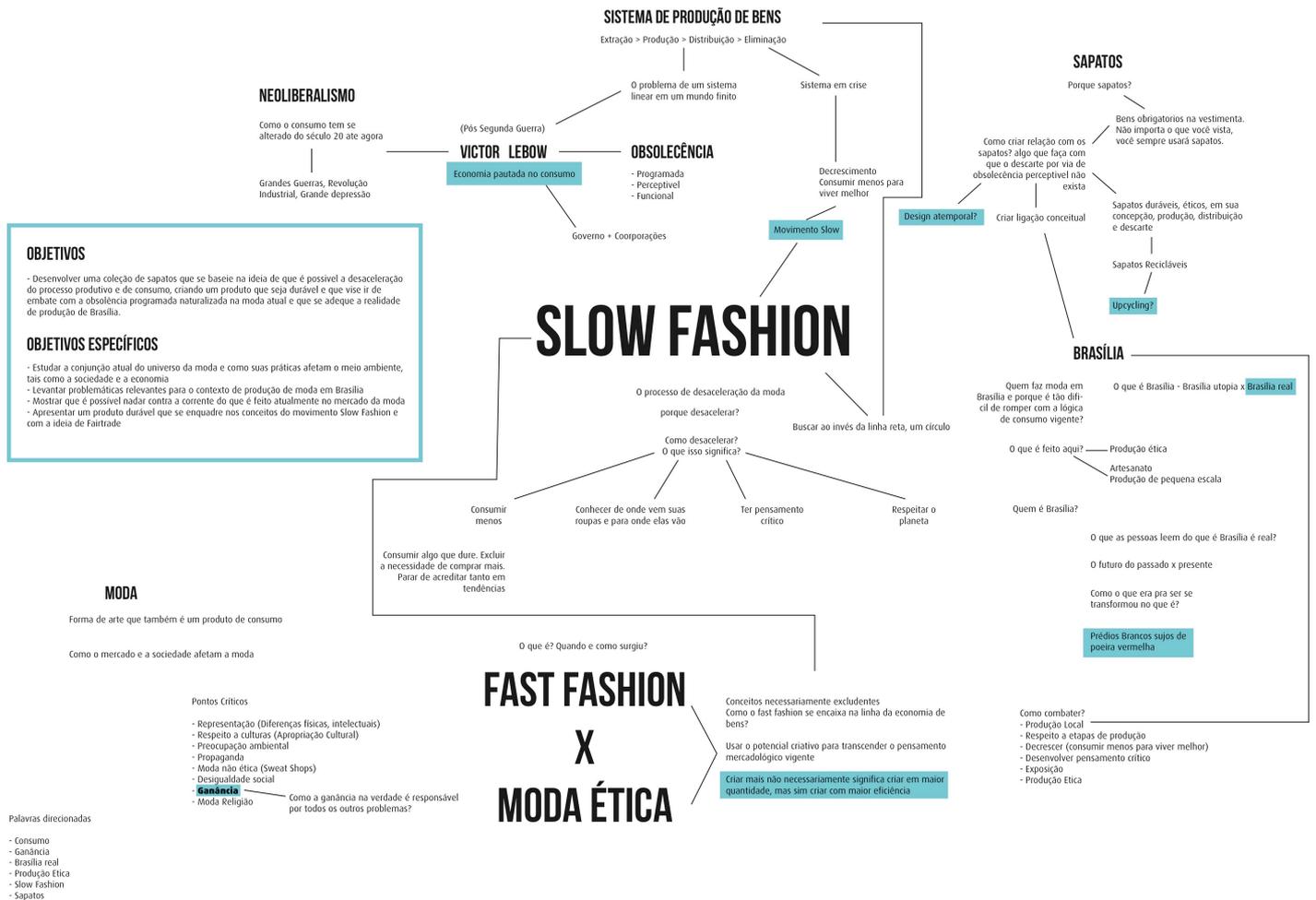




Figura 1 – Mapa metodológico

3. Design e Neoliberalismo

Determinados momentos históricos foram decisivos para o estabelecimento do modelo de consumo acelerado que conhecemos hoje. Talvez um dos mais pertinentes tenha sido a segunda Revolução Industrial. Ela é responsável por uma aceleração significativa do processo produtivo, implicando também no aumento da produção. Assim, com o aumento da quantidade de produtos ofertados, o seu preço foi reduzido, permitindo que a população tivesse acesso a um consumo mais amplo. Passando anos a frente, durante a segunda guerra mundial, os Estados Unidos se tornam um grande expoente no que se trata de indústrias, sobretudo as indústrias bélicas, tendo em vista que estas eram ...

Com o fim da guerra, todo aquele potencial industrial abre espaço para que os EUA se tornassem não só um centro industrial, mas também o centro do consumo.

Entretanto, para a manutenção dessas estruturas amplas de produção, é necessário que haja um fluxo contínuo de produção e consumo, no qual a manutenção do lucro das grandes empresas se torna atrelado à necessidade de criação de ferramentas que estimulem o consumo ininterrupto.

Nesse contexto, surgem fenômenos como a obsolescência programada, na qual o produto é planejado para um ciclo de vida mais curto, com o seu fim previsto de maneira antecipada, visando a sua substituição. Outro evento semelhante é o da obsolescência perceptível, na qual novos produtos são concebidos com aparência modificada, tornando a percepção que os consumidores possuem dos produtos anteriores para modelos já ultrapassados. Ainda, existe também a obsolescência funcional, na qual os produtos perdem o seu valor pela sobreposição de novos produtos com ajustes de funcionalidade.

Esses mecanismos acabam concebendo não apenas uma nova abordagem de consumo, mas também uma nova maneira de significação do processo de consumo, na qual os produtos passam a ser percebidos como signos desejáveis, que permitem o reforço da identidade individual, posicionando as marcas como emissores de valores. Nesse contexto, segundo Lebow (1955), o consumo precisa se tornar um modo de vida, uma verdadeira busca pela satisfação pessoal, uma espécie de religião. Esse efeito faz com que, cada vez mais, os produtos precisem

ser produzidos e descartados mais rapidamente.

Ai está aquela que seria a definição da forma de consumir atual. Processos de produção cada vez mais rápidos, para produtos que são descartados cada vez mais rápidos. Produtos que são vendidos como a cura dos problemas que não existiam antes da invenção dos mesmos. Uma sociedade baseada na ideia de que a existência do indivíduo existe necessariamente a partir do materialismo, ou seja, a satisfação de qualquer que seja sua pendência será curada tendo aquele produto novo. Um sistema econômico inteiro baseado na ideia de que comprar mais é viver melhor.

Dessa forma, nos Estados Unidos se percebe um “pico de felicidade” nos anos 50, com o ápice da sociedade de consumo. Mas partir daí só decai, afinal se passa mais tempo trabalhando, para que se possa comprar mais coisas e menos tempo usufruindo das mesmas, o que gera a necessidade de se comprar mais para manter a felicidade. Uma lógica materialista que se sustenta em ciclo, sempre voltando para o consumo.

Em países emergentes como o Brasil, a sociedade não escapa do fenômeno consumista. Esses países são vítimas desse sistema ao serem não só fonte de matéria prima como também parques industriais para as fábricas das empresas dos países desenvolvidos, não só pela comodidade de ter a material prima tão disponível, mas também pela mão de obra barata, que muitas vezes significa mão de obra escrava e pela necessidade dos países que delegam essas fábricas para outros de jogarem esse problema para outros lugares. Uma questão de estratégia, onde os países desenvolvidos podem manter suas matérias primas (quando possuem) como também, de certa forma, protegem o alto nível de lucro de suas empresas, gerando muito capital para o país. E como, em curto prazo, esse negócio é “vantajoso” para ambas as partes, tendo em vista que países emergentes possuem a necessidade de gerar mais empregos e mais renda para o país, mesmo que a muito menos do que deveria, gerando muito menos impostos e juros sobre essas fábricas, esses acordos são amplamente firmados.

Porém, existe um ponto que deve ser questionado quando se trata de um sistema baseado em ter cada vez mais. Como se pode ter cada vez mais em um

planeta que é possui recursos escassos? Como produzir em uma taxa cada vez mais alta se o planeta não consegue acompanhar essa velocidade de crescimento? Como esse sistema pode dar certo, tendo em vista que o próprio princípio do pensamento econômico se baseia na ideia de que os recursos são escassos? Parafraseando Max Horkheimer, quem quiser falar sobre o capitalismo, deverá falar sobre a globalização e é impossível teorizar a globalização sem falar sobre a reestruturação do capitalismo.

O sistema de produção de bens na cultura de crescimento atual funciona na lógica apresentada pela figura 2.



Extração > Produção > Distribuição > Eliminação

O diagrama consiste em uma barra horizontal laranja sólida. No centro da barra, o texto 'Extração > Produção > Distribuição > Eliminação' está escrito em uma fonte preta, sem serifa. O símbolo '>' indica uma sequência linear de etapas.

Figura 2 – Sistema de Produção de Bens

Extração consiste na retirada da matéria prima do meio ambiente. Tudo aquilo que é necessário para dar início ao processo industrial parte daqui. Mas o que acontece com um ambiente que tem retiradas cada vez maiores de material? Ele não consegue se regenerar na velocidade necessária para suprir a demanda do ser humano. Nisso, surgem os grandes problemas ambientais. Florestas amplamente devastadas, animais mortos, nascentes comprometidas. O impacto humano na natureza é cada vez maior, ao ponto de ser quase imensurável.

E a grande questão aqui é o fato de que as pessoas, acreditam não fazer parte desse ambiente. Acredita-se que há um distanciamento tão grande que o que é modificado na natureza não atingirá a população em nenhum momento. Esquecem que a humanidade faz parte da natureza. E destruí-la trará não só problemas para o ecossistema, mas para o ser humano também.

E não só de impactos ambientais se vale a indústria atual. Impactos sociais entram na lista de problemáticas existentes por conta do modelo vigente de produção industrial

4. Uma crítica ao modelo vigente

"Precisamos não só nos tornar peixes mais fortes nadando contra a corrente, precisamos mudar a corrente" James Gustave Speth

Vestimenta é uma forma de identificação social. Por fazer parte do primeiro contato entre as pessoas, ou seja, o contato visual, existe a possibilidade de leitura dos signos impregnados nas peças de roupa. Em uma leitura, por muitas vezes superficial, se pode identificar meios, gostos, grupos e até mesmo criar um extrativismo social. Por meio do que uma pessoa veste, pode se dizer a qual gênero, classe e grupo social ela pertence.

Num momento pré revolução industrial, roupas novas eram basicamente um privilégio das classes mais altas. As pessoas de classes inferiores eram destinadas a uma vida de roupas de segunda mão com tantos remendos que a identificação do tecido original era praticamente impossível. Com a revolução industrial e o advento de maquinários cada vez mais baratos, existe a possibilidade daqueles que nunca tiveram peças novas terem pela primeira vez. Existe o vislumbre de uma sociedade igualitária, onde todos poderiam se vestir da mesma forma. Ideia essa que é muito funciona muito bem na teoria, na prática traz consigo o desdobramento proveniente da ganância econômica. A verdade é que o advento da máquina de costura em casa não fará com que as roupas direcionadas ao público rico deixem de existir. Ainda existem as roupas que são de pessoas ricas, assim como existem as roupas de pessoas pobres.

E o que faz com que isso aconteça é uma cadeia muito mais complexa do que simplesmente a qualidade das roupas, tendo em vista que acontecimentos recentes, como as denúncias de *sweatshops*, que é o nome destinado a essas fábricas de trabalho escravo, onde o trabalhador passa por exaustivas horas de trabalho com baixa remuneração. Um exemplo da escravidão contemporânea, localizados em países subdesenvolvidos mostrou etiquetas de marcas classe A dividindo mesa com etiquetas de *fast-fashion*. Existe na verdade a intenção dessa separação, de quem veste o que. Dessa forma, existe toda uma cadeia complexa,

que possui desde a ambientação do espaço onde essas roupas vão ser vendidas até a forma que a sua propaganda será feita. Tudo pensado para que cada classe social encontre o seu ambiente. Fenômeno que vai além do preço das roupas. É na verdade todo um conjunto de valores. Os mesmos que fazem com que shopping de classe mais alta sejam frequentados por um público e shoppings populares por outro. A diferença entre ambos não é apenas o preço das roupas que são vendidas, mas como isso é feito.

E ao pensar que as roupas, independente de serem fabricadas para públicos diferenciados passam pelo mesmo processo, até mesmo pelas mesmas máquinas de costura, é importante ressaltar o impacto social que a velocidade dos processos industriais traz consigo.

No dia 24 de Abril de 2013, 1133 pessoas morreram na queda do prédio Rana Plaza, em Dhaka, Bangladesh, e outras 2500 pessoas ficaram feridas (FASHION REVOLUTION, 2014). Essas pessoas morreram enquanto trabalhavam horas a fio costurando peças para empresas conhecidas do mercado da moda *fast-fashion*, tais como C&A, Primark, Benneton e Mango (CLEAN CLOTHES, 2015) em um prédio que não possuía a menor estrutura para a quantidade de trabalhadores presentes em suas instalações. Na realidade, o Rana Plaza era inicialmente um prédio de cinco andares. Sobre esses cinco andares foram construídos mais três, e mesmo com as notificações de perigo de desabamento que o prédio recebia, sendo a última no dia anterior ao desabamento, a fábrica continuou em seu funcionamento máximo, resultando em uma das maiores catástrofes conhecidas do mundo da moda.



Figura 3 – Rana Plaza

O acidente poderia ser facilmente evitado, tendo em vista todos os avisos e notificações. Em nome da ganância de grandes corporações e da velocidade requerida para suprir a grande demanda de consumidores, pessoas pagaram com as próprias vidas o custo da velocidade de produção, perpetuando um ciclo de escravidão contemporânea

Escravidão contemporânea é a forma atual de escravidão. Se estima que existem mais de 10 milhões de pessoas trabalhando em condições de trabalho escravo em tempos atuais, sendo que várias dessas dedicadas a indústria fashion

brasil	antiga escravidão	nova escravidão
propriedade legal	permitida	proibida
custo de aquisição de mão-de-obra	alto. a riqueza de uma pessoa podia ser medida pela quantidade de escravos	muito baixo. não há compra e, muitas vezes, gasta-se apenas o transporte
lucros	baixos. havia custos com a manutenção dos escravos	altos. se alguém fica doente pode ser mandado embora, sem nenhum direito
mão-de-obra	escassa. dependia de tráfico negreiro, prisão de índios ou reprodução. bales afirma que, em 1850, um escravo era vendido por uma quantia equivalente a r\$ 120 mil	descartável. um grande contingente de trabalhadores desempregados. um homem foi levado por um gato por r\$ 150,00 em eldorado dos carajás, sul do Pará
relacionamento	longo período. a vida inteira do escravo e até de seus descendentes	curto período. terminado o serviço, não é mais necessário prover o sustento
diferenças étnicas	relevantes para a escravização	pouco relevantes. qualquer pessoa pobre e miserável são os que se tornam escravos, independente da cor da pele
manutenção da ordem	ameaças, violência psicológica, coerção física, punições exemplares e até assassinatos	ameaças, violência psicológica, coerção física, punições exemplares e até assassinatos

Figura 4 – Diferença entre trabalho escravo moderno e contemporâneo

O caso de Bangladesh parece distante, sendo difícil muitas vezes acreditar que o Brasil também possui sua parcela de trabalhadores em condições análogas à escravidão na indústria da moda. Empresas como Le Lis Blanc, Bobô e M. Officer foram flagradas em 2013 por uso de trabalho escravo, resultando na libertação de vários trabalhadores bolíviaanos e colômbianos. Isso acontecendo em fábricas clandestinas em São Paulo (REPORTER BRASIL, 2013). Tais custos que são facilmente ignorados pelos consumidores, a partir de propagandas feitas pelas grandes empresas, em nome do prazer da imagem. Para Lipovetsky (1987), moda é prazer, é a prática dos prazeres. O prazer que se relaciona com imagem, na ideia do surpreendente, do novo, do que agrada, do que ofusca.

O prazer da mudança e da metamorfose se relaciona por muitas vezes com prazer material, o prazer de ter, advento da cultura de consumo cunhada pós segunda Guerra mundial.

Para Fetcher e Grose (2012) quando se trata de moda, velocidade virou sinônimo de um tipo específico de produto e ambiente de vendas. Isso se tornou possível graças ao apetite insaciável dos consumidores e os avanços tecnológicos na indústria, que eliminaram processos que resultaram em diminuição do tempo que é necessário para a confecção de um produto. E quanto mais rápido, mais nocivos são seus efeitos, tendo em vista que quanto melhor o desempenho da moda, piores são os resultados, que não são sinônimo de seu fracasso, mas de seu sucesso.

Dessa forma, fica claro que a velocidade não se relaciona apenas com a forma de produzir, ou a forma de consumir. É a junção desses fatores que resulta nos grandes problemas da indústria da moda. Então a responsabilidade de todos os efeitos é de ambas as partes, da empresa e dos clientes. Criticar os efeitos da indústria da moda rápida sem criticar as práticas de negócio é tratar do assunto de maneira superficial e, em muitos casos, absolutamente ineficaz.

As pessoas compram porque são treinadas a comprar. Por meio da propaganda, grandes empresas conseguem controlar a forma que o consumo será dado. E as propagandas são responsáveis por criar necessidades que não existiam antes dos produtos. A moda possui sua própria forma de criar sua relação com consumidores, utilizando de artifícios como criação de tendências e a ideia de sazonalidade. Essas duas, que andam lado a lado, só existem para que as pessoas comprem mais. Qual é o sentido de uma divisão entre outono/inverno e primavera/verão em um país tropical como o Brasil, onde a divisão de estações é muito mais complexa do que essa?

É um modelo que foi adotado de países desenvolvidos, estes detentores das indústrias que mais exploram países como o Brasil para que exista mais consumo e que essas indústrias continuem sendo alimentadas. Em muitos casos, não se param nessas duas coleções anuais. Empresas de Fast Fashion como Zara, H&M e Forever 21 chegam a criar mais de cinquenta coleções anualmente.

E o processo de criação de tendências é muito parecido. Surgem novos

produtos, novas ideias em tempos cada vez menores, justificados por o que a indústria chama de tendência.

A grande verdade é que a velocidade do mercado de moda cria a necessidade de que produtos sejam criados de formas cada vez mais rápida, o que tira a oportunidade de desenvolvimento de conceitos novos, fortes e pertinentes para o consumidor e acaba criando conceitos rasos, cópias mascaradas de novidades.

Para driblar esse processo, uma das possíveis saídas é o desenvolvimento de pensamento crítico. Questionar o porque daquilo que esta sendo apresentado como necessário. Entender as suas próprias demandas e como elas afetam o meio ambiente, a sociedade e a economia. Ver que tudo esta muito mais conectado do que parece

5.O designer no sistema

Com o mecanismo de aceleração do processo de consumo, o designer acaba se distanciando do pensamento que envolve toda a cadeia produtiva. Isso ocorre porque o seu foco é direcionado para a concepção de produtos mais desejáveis, a fim de desencadear o processo de consumo. Nesse sentido, ocorre uma compartimentalização de sua atuação, na qual a atribuição da reflexão acerca do seu impacto em uma rede complexa de fenômenos econômicos, sociais e ambientais fica a cargo de uma outra entidade.

Acredita-se que esse direcionamento do papel do designer para a busca inquestionável pela inovação reduza o seu potencial de ação. A pertinência de seu impacto social acaba sendo omitida, de forma que a sua expertise em identificação, compreensão e resolução de problemas não seja capaz de gerar um benefício social efetivo, que possa incorporar a origem dos materiais empregados, a sua produção, montagem, distribuição, armazenamento, venda, uso, descarte e reinserção.

Segundo Fletcher (2008), a maior parte dos trabalhos de design está intimamente ligada a uma agenda comercial de transformar matéria e energia em produtos, e, posteriormente, os produtos em resíduos. Esse processo ocorre sempre em quantidades cada vez maiores, visando garantir aumento das vendas e crescimento do negócio (FLETCHER, 2008). Entretanto, quando o foco de concepção do produto se resume ao crescimento econômico e material, a existência do produto perde parte de seu propósito. Muitas vezes, essa transformação do papel do designer torna o ciclo produtivo prejudicial em diversos aspectos, podendo gerar impactos profundos em dimensões sociais, econômicas ou ambientais, como a redução da nossa capacidade ambiental nas últimas três décadas (HAWKEN, LOVINS & LOVINS, 1999). Também pode ser considerado efeito resultante desse processo o aumento exponencial da utilização do trabalho escravo no mundo, que envolve mais de 10 milhões de pessoas atualmente (FREE THE SLAVES, 2015). Ainda, são frequentes as dominações de condições e quantidades de empregos disponíveis por grande corporações (NEUMARK, ZHANG & CICCARELLA, 2007).

6. Combate

6.1 Perspectivas de decrescimento - movimento *Slow*

Uma das perspectivas de ação sugeridas enquanto contraponto ao crescimento material desenfreado é o movimento *Slow*. Segundo Carl Honoré (2005), o movimento *slow* defende que a velocidade não implica em progresso. Sob a ótica do mercado de produtos, a sua proposta consiste em problematizar não somente a lógica de cadeia produtiva, mas a necessidade humana de posse. Com isso, sugere a noção de uma compreensão mais profunda daquilo que já se possui para, a partir desse passo, iniciar o processo de desaceleração do consumo. O movimento *Slow* surge em 1986 quando o ativista Carlo Petrini protesta contra a abertura de um restaurante da cadeia McDonald's na Piazza di Spagna, um dos principais pontos turísticos de Roma. Com ideias de uma alimentação local, consciente, sazonal e verdadeiramente saudável e sustentável, surge o primeiro movimento dentro do movimento *Slow*, o *Slow Food*.



Figura 5 - Piazza di Spagna

O economista Herman Daly (1973) propões um modelo econômico que não se baseia no crescimento material, mas sim na ideia de que existe a necessidade de manter os recursos em níveis constantes, dando espaço para que os produtos se

regenerem na natureza, ou seja, considerando a capacidade do ecossistema de processar resíduos e se recuperar. Dessa forma, não existe a possibilidade de aumentar os níveis de produtividade da indústria sem considerar a velocidade própria da natureza. Esse modelo, conhecido como Economia Estacionária, não visa diminuir ou aumentar uma produção, nem transforma-la em mais rápida ou mais lenta. Mas visa a necessidade da atenção a adaptabilidade de cada tipo de situação.

Segundo Fletcher e Grose (2012), desacelerar, ou a ideia própria de lento, não é apenas uma medida de velocidade. Significa repensar toda uma visão de mundo. Significa não só transformar a cadeia produtiva, mas também a sociedade de consume. Significa trazer para essa cadeia o prazer da inventividade, da multiplicidade e o respeito aos limites biofísicos. A cultura lenta representa um rompimento com as práticas atuais de velocidade que a sociedade de consumo passa agora, se baseando na ideia econômica de crescimento atual.

6.2 Slow Fashion

Em uma palestra dada na Parsons new school of design, Fletcher (2012) problematiza que a sociedade chegou no ponto de que as pessoas se acostumaram a trocar dinheiro por roupas. Isso pode parecer algo muito simples, mas na verdade indica um problema muito profundo. Isso significa que a relação das pessoas com as roupas se resume em basicamente com o sair da loja direto para o armário. Não se pensa mais na origem, no caminho, no processo de fabricação, porque não existe tempo para tal. As pessoas precisam consumir em uma velocidade tão grande que não existe a possibilidade de prestar atenção no significado desse objeto. E nessa lógica, tudo ficou muito naturalizado nessa lógica consumista. Desde a forma como as roupas são apresentadas, na lógica que elas são dispostas em grandes lojas, especialmente para atrair o olhar do cliente até a forma que elas se comportam no corpo, com tamanhos cada vez menores e com qualidade descartável.

Empresas como Forever 21, com os seus *Visual Merchandising*s, criam labirintos em suas lojas com as mais diversas roupas em quantidades cada vez maiores de coleção, estas que por muitas vezes passam de 50 por ano, tudo para que o cliente não perca a oportunidade de comprar mais uma peça, o se tornou comum para a sociedade. Inclusive o fato de que essas peças de roupa vão se

tornar obsoletas dentro de 6 meses e que por esse motivo, ela será descartada. O que leva a algo muito mais comum, descartar ao invés de concertar. Como pautado pelo movimento Slow, o ato de comprar, de ter o novo, está tão associado ao crescimento que o ato de descartar se tornou quase que necessário na vida moderna.

E por conta dessas problemáticas, se viu que a indústria da moda não poderia escapar do movimento Slow. Sendo assim, o slow Fashion é um movimento que se propõe a questionar o sistema atual da moda, a verdadeira indústria que se tornou e todas as práticas nocivas que surgiram a partir dessa lógica de pensamento consumista. Para isso, se vale da ideia de que deve-se entender todo o processo produtivo da moda e, a partir disso, criar a possibilidade de novas soluções para esse espaço.

O movimento do Slow Fashion é o movimento que tem como objetivo o entendimento da ideia de que uma roupa faz parte de um contexto maior e que as atitudes individuais do usuário inferem em toda uma cadeia. Dessa forma, a aquisição de uma consciência ecológica e ambiental no meio da moda traz a possibilidade de uma mudança real na estrutura de mercado e produção fashion.

O Slow Fashion vai entender em vários níveis a contribuição e os efeitos da moda em uma escala socioambiental. Desde os seus detalhes, como produção têxtil e processos de fabricação até em relação ao todo, como modelos econômicos, valores, regras e crenças criadas indústria da moda.

É, antes de tudo, a ideia de que existe sim uma saída para o que está acontecendo atualmente. Serve para mostrar que ainda é possível remediar a situação e que a possibilidade de mudança está logo a frente.

Dessa forma, os principais pontos do Slow fashion são:

Produção Local x Produção Industrial

Criatividade x Massificação

Produção sustentável x Produção insustentável

Consumo Consciente x Consumo desenfreado

Pensamento Crítico x Alienação

E essa ideia, de que de certa forma pode parecer muito distante, já vem sendo aplicada por diversas novas empresas, que entenderam que ao repensar um sistema de produção, abrem espaço para uma imagem condizente com o momento atual de questionamentos acerca da indústria fashion. Empresas brasileiras como Osklen, Ferrugem, Matricaria, Helmet e Quero Melancia dentre muitas outras surgem com o objetivo de mostrar que é possível sim nadar contra a corrente de produção massificada atual.



Figura 6 – Empresas *Slow Fashion*. Matricaria, Helmet e Quero Melancia

6.3 Upcycling

Ainda, entende-se que o pensamento de uma escala linear de produção, ou seja, focado em extração e eliminação, tornará a matéria prima escassa no planeta. Os recursos se tornam finitos dentro dessa perspectiva, pois ao não se considerar os tempos de regeneração, eliminação ou extração, esgotam-se as possibilidades de reposição desses recursos. Contudo, existem outras abordagens de pensamento, como os modelos cíclicos. Nesses modelos, são pertinentes os sistemas que celebram a abundância de materiais e a inventividade humana como mantenedores

do ciclo positivo de produção, considerando-se os tempos adequados para extração de recursos do meio, valorizando-se os materiais empregados.

Segundo Michael Braungart e William McDonough (2002), a própria noção de algo jogado fora não é compatível com a realidade. Não existe lixo, partindo-se da perspectiva de que os materiais não desaparecem do sistema somente porque foram descartados, independentemente de seu uso ou apropriação. Nesse sentido, propõem que os materiais deveriam ser utilizados até atingirem a sua forma mais básica, para então retornarem ao meio ambiente, ampliando-se o tempo disponível para a sua regeneração. Com isso, sugere-se a ponderação de que os produtos industriais possuem um enorme potencial de configurações e usos possíveis, mesmo após o que é considerado atualmente como descarte.

Os recursos serão finitos se a sociedade agir de acordo com uma escala de produção de segue em linha reta, ou seja, que parte da extração para a eliminação, sem pensar como esse material terá tempo de se regenerar na natureza ou até mesmo o que liga o processo de eliminação até o processo de extração. Se o pensamento continuar sendo linear, a matéria prima será de fato escassa. Mas e se for possível a criação de um sistema que não pense de forma linear, mas sim cíclica? Um sistema que celebre a abundância de materiais e a inventividade humana para manter um ciclo positivo de produção, onde haja tempo o suficiente para que a matéria prima se regenere e que haja uma valorização dos materiais?

Nessa lógica surge o pensamento do upcycling. O upcycling, ao contrario da reciclagem, é um processo de valorização do material para o seguimento do mesmo na cadeia produtiva. A reciclagem, também conhecida como downcycling, é a ideia de transformação do material por meio de alteração formal do mesmo, ou seja, se tira o valor do material agregado do material, e este é destruído e transformado em outra coisa. E o grande problema desse processo é que para faze-lo de fato, se gasta mais energia, se cria mais resíduo, alimenta mais uma indústria. Sendo assim, o upcycling vem com um pensamento quase que inverso. Se valoriza o material e não existem mudanças estruturais no mesmo. Ele só passa a ter um outro significado. Dessa forma, existe a possibilidade de agregar um novo tipo de valor para o novo produto a ser apresentado.

Um exemplo interessante de upcycling é o que acontece na relação da Hermés e a petit h.

Pascale Mussard, herdeira do império Hermés, em suas andanças na fábrica da empresa de sua família percebeu a grande quantidade de desgaste de materiais que aconteciam por ali. Pedacos de retalhos até bolsas que não passavam no padrão de quantidade Hermés. Muitos produtos que eram dados como lixo e descartados. Nisso, ela teve a ideia de que aquilo não deveria virar lixo, mas sim que existia ali um grande potencial criativo. Nisso, surgiu a ideia da petit h. (que significa pequeno h, de Hermés), onde ela começou a não tratar aquilo que era descartado na fábrica como lixo, mas sim como matéria prima para objetos de grande criatividade e únicos. O mote da empresa é 'Nós não jogamos nada fora!', o que significa que na verdade, não existe lixo.



Figura 7 – petit h.

Segundo os escritores William McDonough and Michael Braungart do livro *Cradle to Cradle* (2002), a ideia de jogar fora não é real. Não existe lixo, tendo em vista que esse material não desaparece do sistema só porque foi descartado, desconsiderado de uso. Dessa forma, material deveria ser utilizado até a sua forma mais básica, para assim, retornar ao meio ambiente. Entender que todo produto que

passa pela indústria possui um potencial infinito de configurações de uso possíveis após o que é considerado descarte.



Figura 8 – petit h,

E quando se questiona o significado real de lixo, do que é lixo, toda a cadeia produtiva passa a ser vista por uma nova lógica. Para Mussard em uma entrevista para o site CoolHunting, essa é uma forma diferente de ver as coisas, tendo em vista que criação normalmente significa que você tem uma ideia e passa a procurar os materiais, e para a petit h, o processo é o contrario. O material dita o que será feito. E isso dá a possibilidade de criação de objetos como animais gigantes feitos no clássico couro laranja Hermés. As possibilidades são infinitas



Figura 9 – petit h.

O que traz a grande diferença nos produtos da petit h. não necessariamente em termos de funcionalidade, mas a sua composição. O valor dessas criações é basicamente dado pelo diferencial da sua matéria prima.

E não existe só a possibilidade de pensar no caminho inverso de produção, indo do material para o produto. Empresas que se especializaram na lógica do upcycling perceberam que é possível criar um produto e dar o seu diferencial com os materiais que serão empregados na sua produção.

E assim, existe a possibilidade de conexão emocional com os objetos criados. O material pode dar a ideia de afetividade com o produto final. O designer Tobias Juretzek cria a Rememberme chair, cadeira que tem como essência a ligação emocional que as pessoas possuem com objetos.



Figura 10 – Rememberme Chair

Essa cadeira é feita de apenas dois materiais: resina e roupas. Ele resina várias roupas em um molde e cria essa cadeira. Em sua forma, não existe nada de muito surpreendente ou inusitado. O seu diferencial é o material. E a escolha dessas peças é específica. São aquelas roupas que são guardadas, que por mais que não sejam usadas, ainda estão lá por que significam algo, porque contam uma história, ainda são guardadas por motivos emocionais. Essas roupas contem uma memória própria, uma mensagem de outros tempos. Dessa forma, cada cadeira é única, e cada cadeira é especial para o seu dono, indo além da própria funcionalidade. Existe ali um relacionamento que transcende a ideia de objeto e consumidor.



Figura 11 - Rememberme Chair – detalhe

E o fato de serem roupas que não são mais usadas dá a oportunidade delas virarem outro objeto sem maiores danos. Porque elas não serão destruídas para virarem outra coisa. Elas se tornam maiores que o que eram antes, muitas vezes, já que você se propõe a retirá-la do fundo do armário para passá-la a ter ela na sala. É a valorização real do material, para a criação de algo novo.

7. Calçados

O ser humano precisa se vestir porque a sociedade que possui a convenção social de vestimenta o obriga a se vestir. Dessa forma, a ideia da não vestimenta é necessariamente partir para um embate com o que é socialmente aceito, ou o que é uma quebra de paradigma.

Uma parte da construção de uma vestimenta que será sempre obrigatória é a utilização de um calçado. Por mais que existam várias formas de construir um visual, essas que vão de ideias de gênero, posições de classe, grupos sociais, os calçados sempre serão um objeto necessário do ato de vestir. Segundo Norton e Olds (2005) a função primária do calçado é a proteção do pé, este a plataforma mais importante de todo o corpo humano, estando parado ou em movimento.

E a indústria do calçado, como todas as outras, é extremamente problemática. Essa profissão tão antiga foi ao longo do tempo completamente desvirtuada, para servir a propósitos de grandes indústrias. E hoje um sapateiro por muitas vezes é apenas a pessoa que concerta sapatos.

Segundo McDonough e Braungart (2002), do ponto de vista de material e ecológico, o design de um calçado poderia ser muito mais inteligente, tendo em vista que o processo de fabricação de um calçado é basicamente materiais de alto nível tóxico misturados a materiais como couro e borracha. Uma indústria com grande potencial poderia se valer de avanços tecnológicos na área de materiais, como a utilização de material biodegradável, polímeros recicláveis e materiais não nocivos para o meio ambiente.

E a partir da necessidade de renovação do pensamento da produção de calçados, designers buscaram formas inovadoras de tratar a produção, buscando alternativas sustentáveis e dando a oportunidade para pensamentos inovadores tomarem a frente de sua criação. Produções artesanais, com foco na inventividade surgem com o objetivo de mostrar que é possível criar um produto sustentável, slow e que por esse motivo é inovador.

Algumas dessas iniciativas seguem no presente relato.

Insecta Shoes

A Insecta Shoes é uma marca que surgiu em janeiro de 2014 em Porto Alegre, pelas designers Pam Magpaly, Laura Madalosso e Babi Mattivy. O trabalho delas consiste em reaproveitamento do que já existe no mundo, aumentando a vida útil do produto, e sempre de forma descontraída e divertida. Para isso, elas garimpam roupas em brechó para criar sapatos exclusivos



Figura 12 – Insecta Shoes

Com um processo completamente artesanal, elas se preocupam em se utilizarem das estampas disponíveis nas araras de brechós para criar os seus modelos. Os produtos não possuem nenhum tipo de produto animal e tem como sua sola borracha triturada 100% reciclada.



Figura 13 – Insecta Shoes

Geology of shoes barboravesela.com

A designer tcheca residente em Londres é responsável pelo projeto Geology of shoes. Esses sapatos são feitos se inspirando em processos erosivos causados na natureza e também em processos tradicionais de fabricação de sapatos. -



Figura 14 – Geology of shoes

Sua confecção parte de pedaços de couro descartados e, a partir disso, em uma técnica desenvolvida por ela, se cria a ideia de um solo que sofreu com processos de erosão. Cada sapato é único, com padrões específicos de cores, que são escolhidas por um esquema de cores influenciado por mapas geológicos antigos, e forma final especial para cada sapato. Eles são todos feitos por encomenda, personalizáveis e com possibilidades infinitas, tornando cada modelo único e irreproduzível.



Figura 15 – Geology of shoes

Um dos grandes desafios da fabricação de calçados dado o contexto apresentado no relato é entender como transpor uma atividade dominada pela produção industrial, globalizada, de volta para a sua forma primordial, que é a produção artesanal, local. Tendo em vista que um dos objetivos do slow fashion é valorizar a produção local em vez de produções massificadas, entende-se o desafio de transpor a realidade do ambiente local presente, que no caso é a cidade de Brasília, para o ambiente de produção artesanal de calçados.

8. Brasília

Candango é o nome que foi dado para as pessoas que vieram para o Planalto Central em busca de uma vida melhor. É o nome que foi dado para as pessoas que foram construir a nova capital, Brasília. E a cidade que era tão múltipla em seus trabalhadores era a mesma cidade que foi planejada pelos seus quatro pais. Juscelino, Lucio, Israel e Niemayer. Os quatro que tinham ali em suas mãos o plano da cidade planejada, a cidade idealizada. A utopia da capital, o sonho dos modernistas.

O modernismo arquitetônico é visto pelo olho de águia. Esse olho de águia é a ideia de planejar a cidade vista do alto. Brasília foi planejada para ser vista de cima, o avião, pensada em suas quatro escalas: A monumental, indicada no eixo monumental, esta onde estão localizados os mais famosos símbolos de Brasília, a gregária, que se localiza no entorno do encontro dos eixos e as bucólica e residencial, que estão sempre permeadas uma pela outra (COSTA, 1985/87). E quando se pensa em um planejamento de cidade visto de cima, onde ficam as pessoas? A escala humana é realmente pensada na construção do projeto de Brasília? E por mais que as quadras sejam planejadas para a interação humana, você não pode planejar, controlar, a forma que as pessoas vão se comportar. Suas necessidades e seus anseios. Isso não faz parte de um plano.

Para Ethan Kent DATA, cidades falham e sucedem no nível da interação humana. E dessa maneira, a beleza de Brasília não previu a ideia de que as pessoas iam transformar os espaços de acordo com a sua necessidade. Iam reclamar o direito a cidade, o direito a possui-la. Iam humaniza-la.

8.1 Brasília humanizada - requisitos de Brasília

Em uma das últimas visitas de Lúcio Costa a sua obra, ele deu uma volta pela parte central da cidade, e acabou encontrando a rodoviária nesse caminho. Em sua imaginação, aquele espaço seria como uma *“mistura em termos adequados de Piccadilly Circus, Times Square e Champs Elysées”*. E a realidade era outra. Aquele espaço foi transformado pela necessidade do povo que a frequentava. *“Isto tudo é*

muito diferente do que eu tinha imaginado para esse centro urbano, como uma coisa requintada, meio cosmopolita. Mas não é. Quem tomou conta foram esses brasileiros verdadeiros que construíram a cidade e estão legitimamente. É o Brasil... E eu fiquei orgulhoso disso, fiquei satisfeito. É isso. Eles estão com a razão, eu é que estava errado.” (CORREIO BRAZILIENSE, 2014)

A transformação é possível, mesmo em um espaço tombado. Porque nesse espaço, as mudanças podem não ser grandiosas, mas são pessoais e, por isso, muito significativas. Desde a criação de calçadas que não existem até a personalização das janelas de apartamento. São detalhes que falam do comportamento de uma cidade, que falam da personalidade de quem habita o espaço.

9.Soluções

Brasília humanizada, como referencia visual

Tendo a ideia de Brasília humanizada como fonte de inspiração de formas, a ideia foi abstrair ao máximo essas intervenções urbanas para encontrar formas essenciais de cada uma. Foram escolhidos como espaço de intervenção os puxadinhos das comerciais, as diferenças entre as calçadas, os pisos quebrados de tanto serem caminhados sobre, a vida debaixo dos pilotis, os caminhos na esplanada e as janelas.

9.1 Puxadinho

Puxadinhos são característica típica do comércio das quadras comerciais do plano. São uma transgressão do plano original de Brasília, que não permite a ocupação pelo comércio das calçadas, mas isso não impediu ninguém de fazer o que convinha para os negócios. No Comércio Local Sul do Plano Piloto de Brasília, em dados de 2011, existem 2.313 lojas, sendo que 1.434, ou o equivalente a 62%, ocupam área pública (JUSBRASIL, 2011).



Figura 16 - Puxadinho

A forma dos puxadinhos foi abstraída de tal forma que sempre ficasse essa - dualidade, do que é planejado com o que é intervenção.

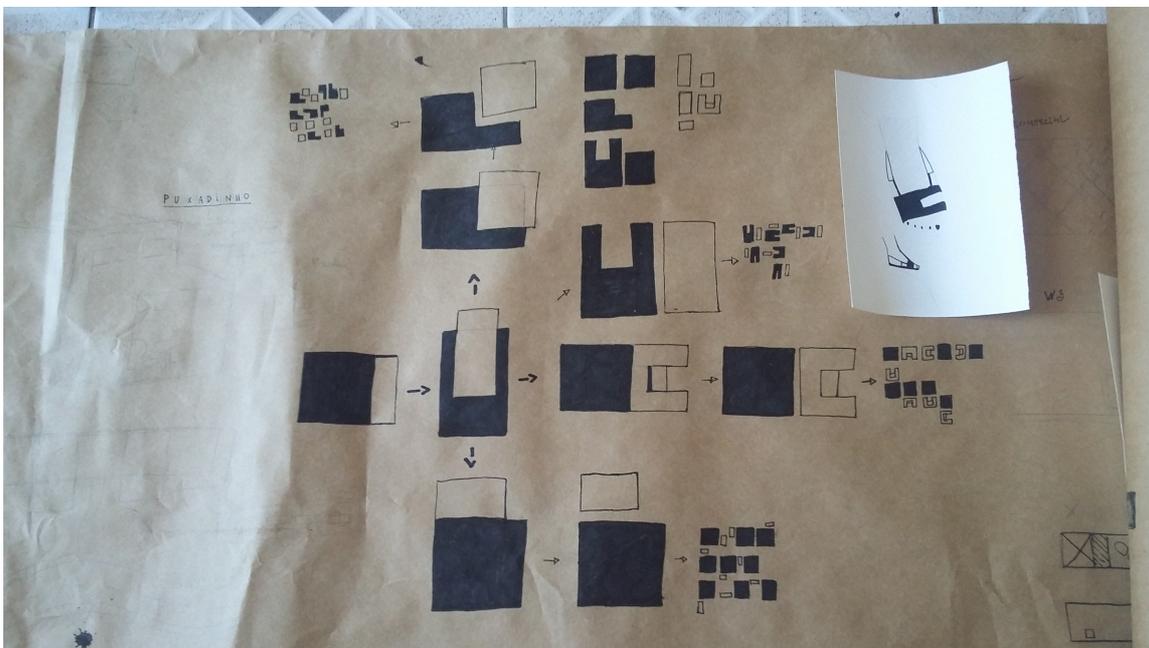


Figura 17 – Primeira fase de abstrução dos puxadinhos

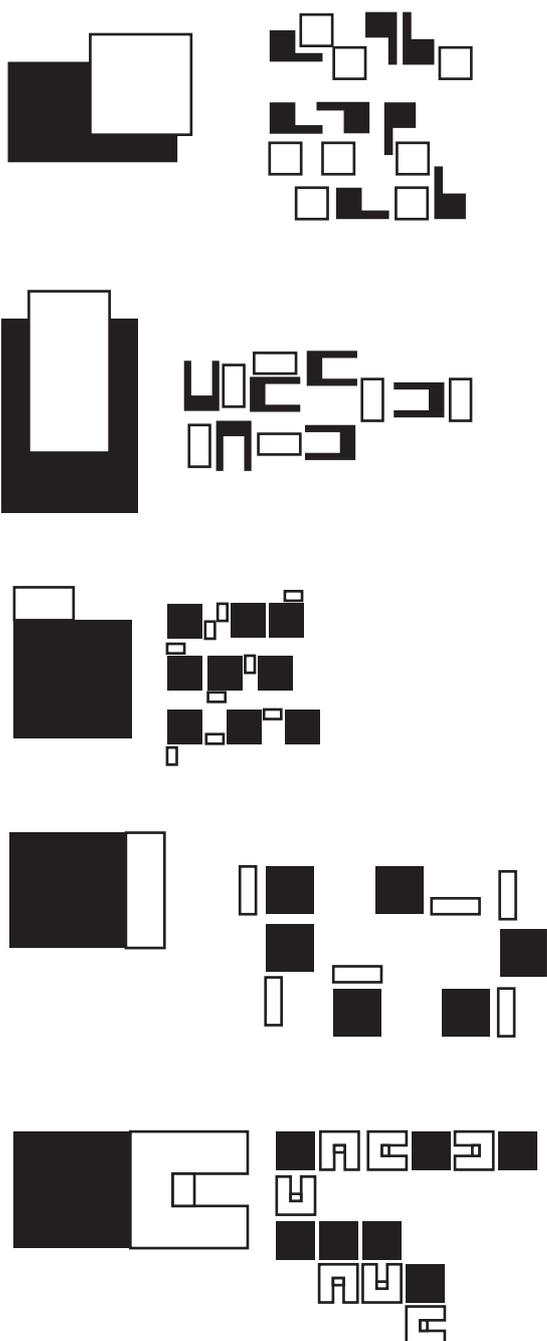


Figura 18 – Abstração visual dos puxadinhos

9.2 Chão Quebrado

O chão com rachaduras, ação do tempo. Uma intervenção não planejada e não desejada.



Figura 19 – Chão quebrado do Plano Piloto

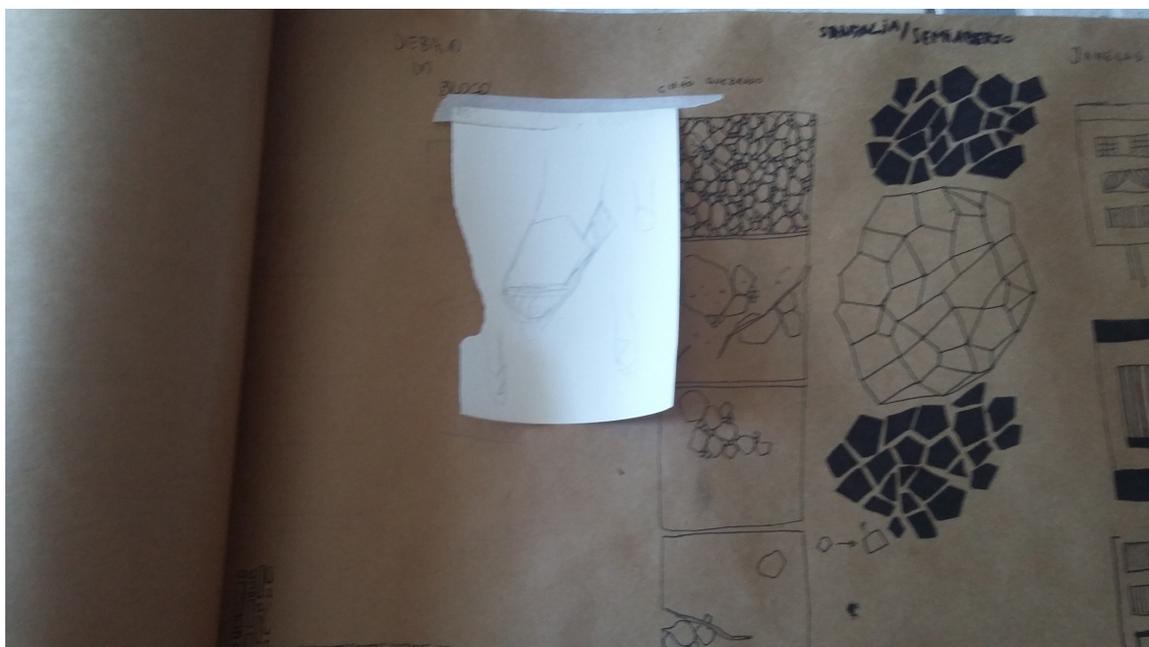


Figura 20 - Primeira abstração do chão quebrado

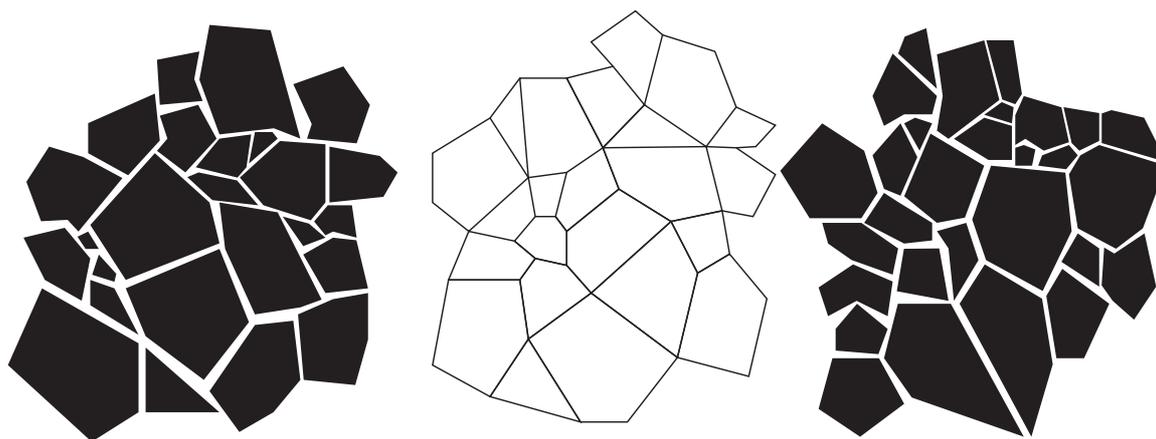


Figura 21 – Abstração do chão quebrado

9.3 Janelas de Brasília

As janelas de Brasília. Mesmo em uma cidade tombada, com prédios padronizados que devem seguir um plano diretor, as janelas de Brasília continuam indicando a personalidade de seus moradores. No primeiro olhar, todas parecem ser a exata mesma coisa. Mas se você olha com atenção, percebe que cada uma conta uma historia. Desde grades até jardins suspensos. As cores das luzes são diferentes, porque as pessoas que ocupam os espaços não são as mesmas. A necessidade de expressão da individualidade no espaço privado reflete no que é visto no exterior padronizados que devem seguir um plano diretor, as janelas de Brasília continuam indicando a personalidade de seus moradores. No primeiro olhar, todas parecem ser a exata mesma coisa. Mas se você olha com atenção, percebe que cada uma conta uma historia. Desde grades até jardins suspensos. As várias formas de transformar um espaço.



Figura 22 – Janelas da 403 sul

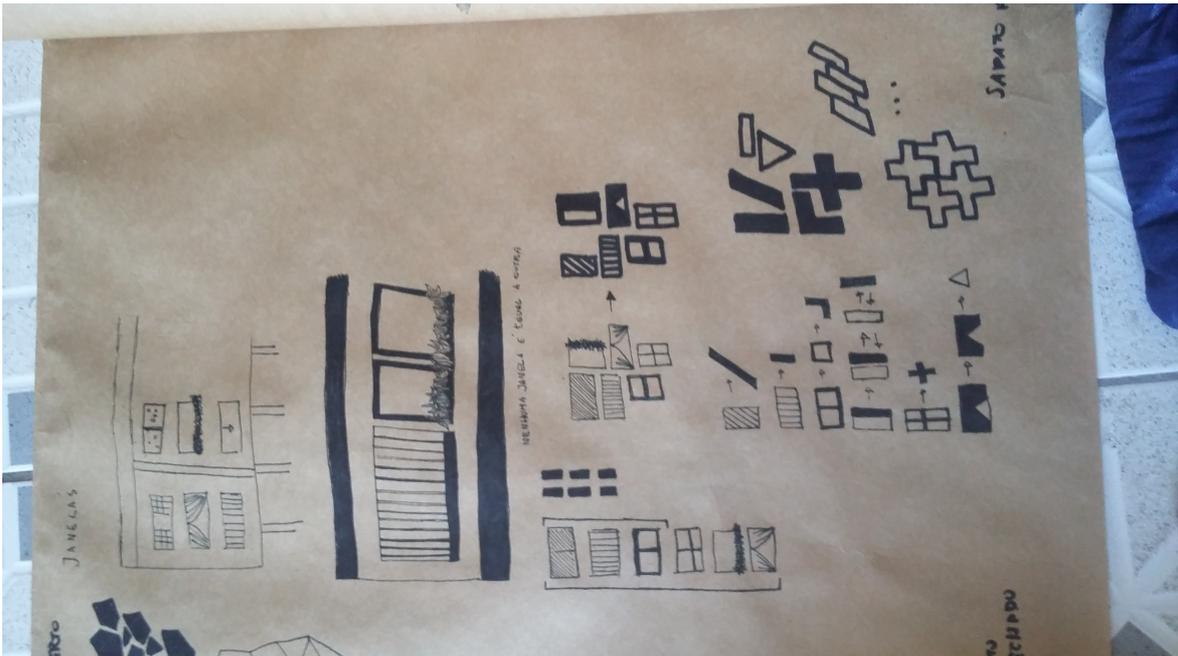


Figura 22 – Abstração inicial das janelas

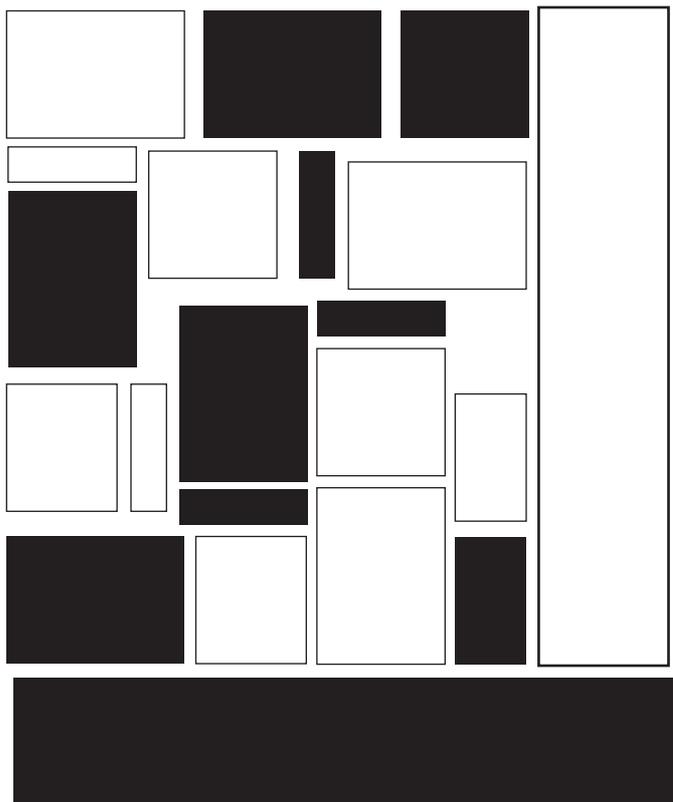


Figura 23 – Abstração das janelas

9.4 Caminhos alternativos da Esplanada

Os caminhos da esplanada são criados independentes da existência de calçadas ou não. Caminhos inventados, atravessados. A existência dessas linhas no espaço se diz a respeito do fato de que as pessoas não querem chegar no ponto final mais rápido. Elas querem passar menos tempo atravessando esse caminho. Não é sobre chegar em algum lugar, mas sobre estar em menos tempo em um (sobre o ato de atravessar).



Figura 24 – Caminhos da Esplanada

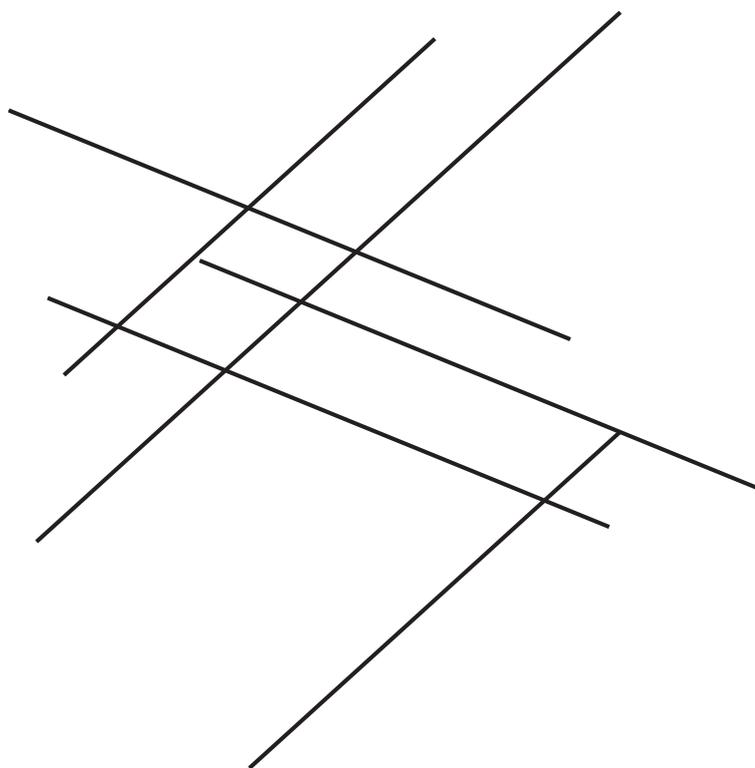


Figura 25 – Abstração dos caminhos da Esplanada

10.Os Croquis

10.1 Puxadinho



Figura 26 – Sandália Puxadinho

10.2 Piso Quebrado

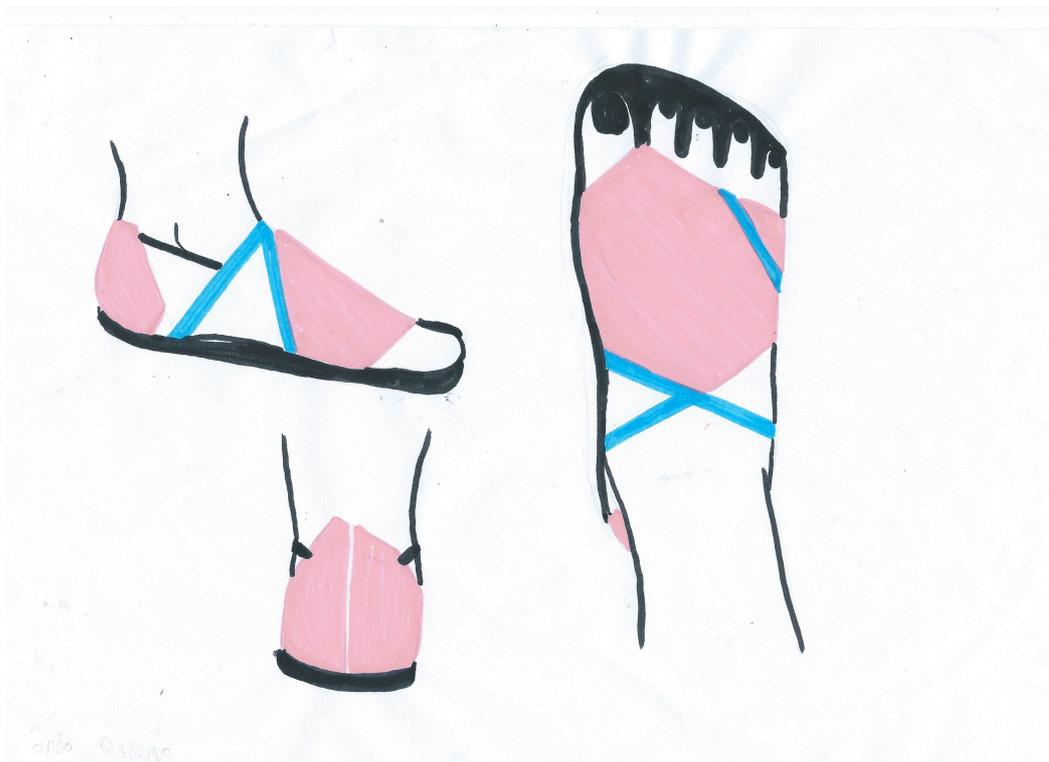


Figura 27 – Sandália Chão quebrado

10.3 Janelas

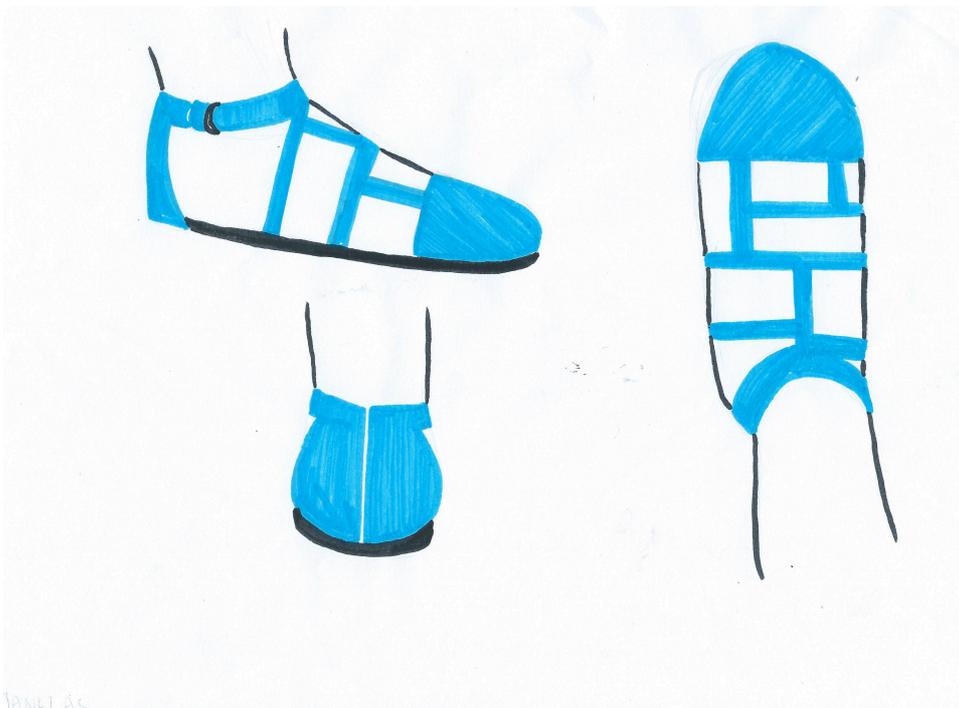


Figura 28 – Sapato Janelas

10.4 Caminhos da Esplanada



Figura 29 – Sandália caminhos da esplanada

11. Os materiais

Para definir a escolha do material, Brasília foi novamente foco da pesquisa, sendo que dessa vez especificamente as pessoas que habitam a cidade. O objetivo da pesquisa de material foi entender o que as pessoas entendiam como descartável, e dessa forma mostrar que esse material não é necessariamente lixo.

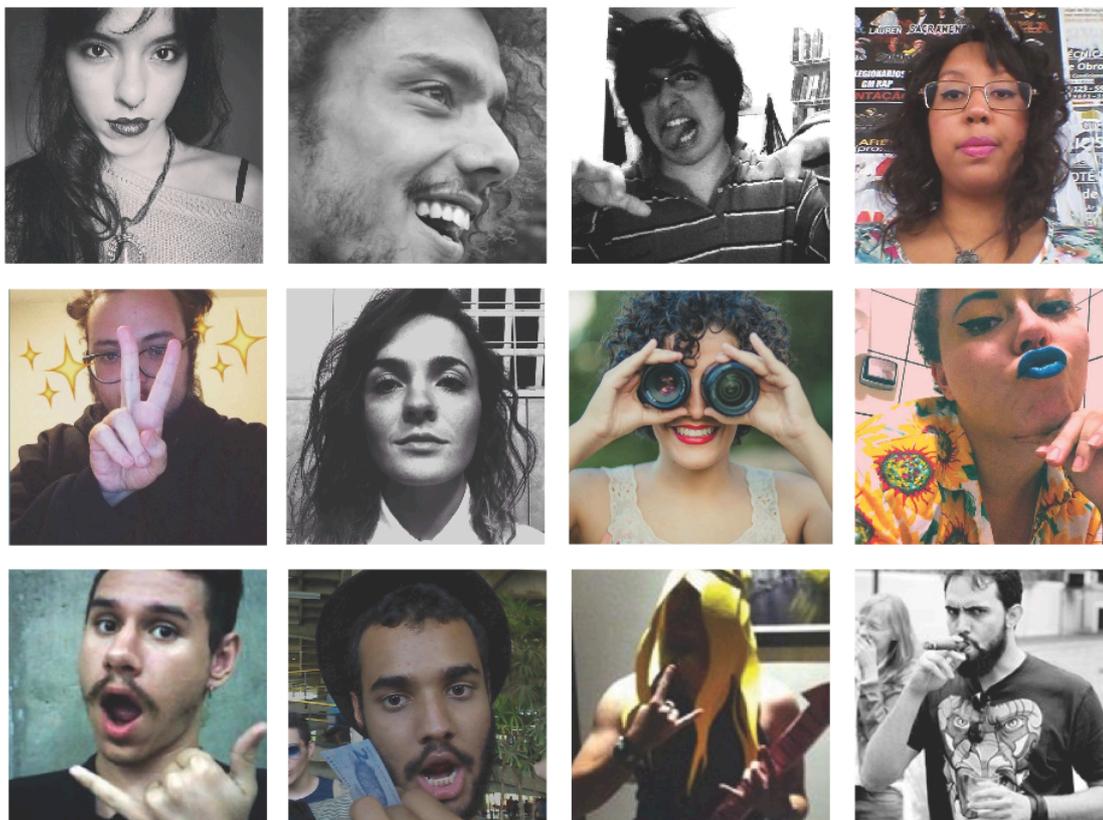


Figura 30 – Moradores de Brasília

O primeiro passo nessa parte da pesquisa foi criar uma campanha de doação de roupas, bolsas, sapatos, vestimenta que não era considerada parte do armário dessas pessoas. Foram coletados todo tipo de roupa, das mais diferentes pessoas. Não houve distinção por gênero, classe, grupo, tipo de material. Qualquer coisa foi aceita para essa primeira fase.



Figura 31 – Doações

Um fato interessante que foi percebido nesse momento foi que na verdade existiam primariamente dois tipos de roupas. Aquelas que estavam inteiras e as que não estavam. Estas últimas possuíam algum tipo de desgaste, seja rasgos, manchas, desbotamentos, enfim. Não eram roupas em perfeito estado e, por isso mesmo essas se tornaram foco do trabalho.

Foi decidido que não seria qualquer tipo de material que poderia ser transformado em calçado. Se as roupas estivessem em perfeita condição de serem doadas, elas cumpririam essa função e deixariam de fazer parte do projeto como material final. O objetivo dessa seleção foi dar um objetivo final para o material que seria descartado.



Figura 32 – Diferenças entre tipos de roupas coletadas

Existe uma falta noção de que a doação de qualquer tipo de material, independente da sua qualidade, é benéfico. O que se esquece de analisar é o fato de que ao doar uma roupa em um estado de conservação inferior para uma pessoa que não está em condições de negar nenhum tipo de doação é só uma forma de perpetuar um ciclo de marginalização. A roupa, sendo um objeto social, é responsável por criar diferentes leituras sobre uma pessoa (CRANE, 2012). Então qual a leitura feita sobre uma pessoa que necessariamente vai se encontrar em situação de ter suas roupas rasgadas dada a sua situação marginal? É importante analisar a diferença entre usar uma roupa rasgada por necessidade e por opção. Segundo Hoskins (2014) O movimento punk se apropria de roupas rasgadas, manchadas como forma de imposição social, de contravenção e choque social. Mas são pessoas que escolhem esse tipo de imagem, que querem dizer algo com elas. Enquanto isso, pessoas que recebem doação de roupas rasgadas, ou que as utilizam tempo o suficiente para que elas cheguem a esse estado não tem a intenção de denunciar nada, ou dar visão para nenhum tipo de movimento político. Essas pessoas só querem sobreviver. Então o que fazer com essa roupa, que não está em condições de ser utilizada e que é impassível de algum tipo de ajuste? Dessa forma, transformar elas em outro objeto, valorizando o material se torna uma das saídas possíveis. Entender que essas roupas possuem qualidades ilimitadas.

12. Fabricação do calçado

Antes de começar a fabricação do calçado, houve a necessidade de pesquisar o ambiente de sapataria no contexto de Brasília. Para isso, buscou-se uma sapataria que trabalhasse com fabricação de calçados, que no caso foi a Sapataria Limeira, na 310 sul. Com a ajuda dos sapateiros Fábio Lopes da Silva, Alex Moura Dias e Walter Santos da Silva, foi possível a pesquisa em campo e a fabricação assistida pelos sapateiros do primeiro protótipo. Antes de iniciar o processo de fabricação, houve uma breve experiência com colagem e consertos de sapato, pesquisa dos materiais descartados na oficina e os materiais necessários para a construção de calçados.

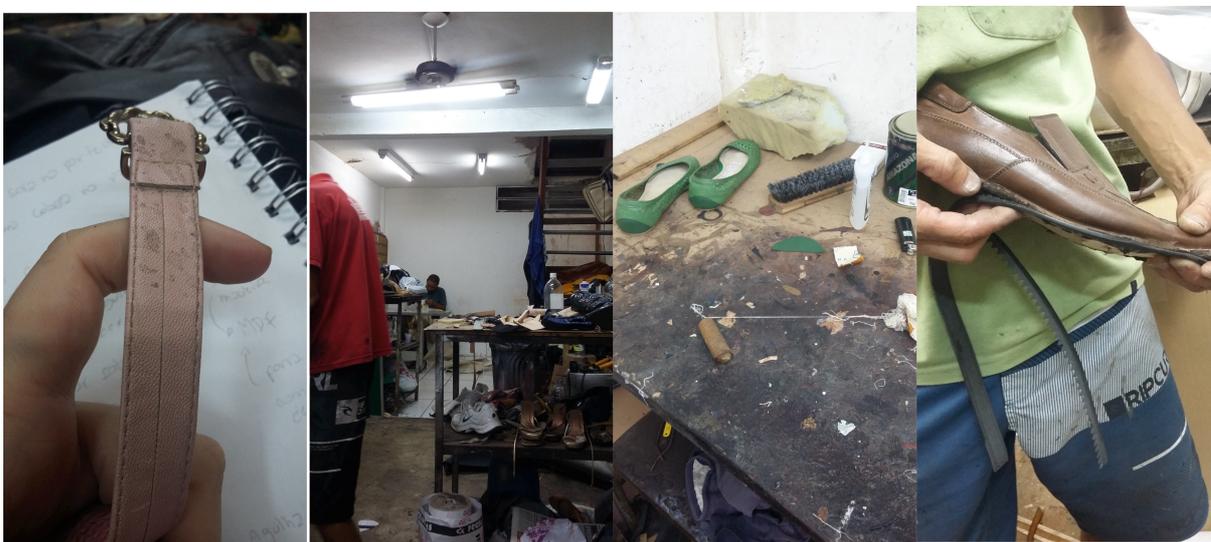


Figura 33 - Sapataria

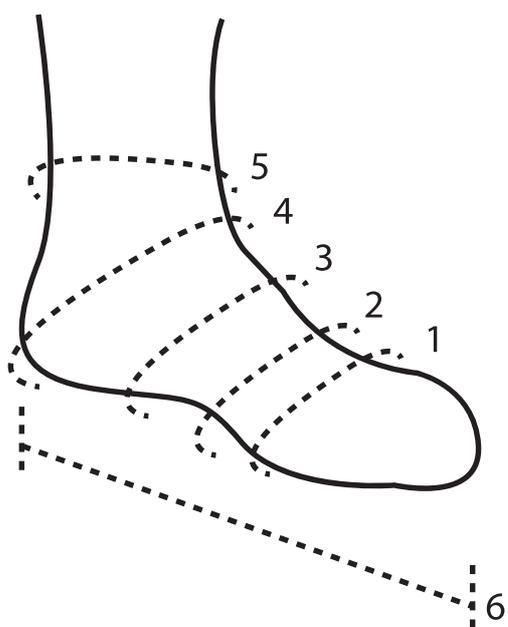
O primeiro sapato selecionado para a fabricação foi o sapato Janelas. Sua seleção foi feita tendo em vista que era o modelo que aparentava maior nível de dificuldade.

O primeiro passo para a fabricação foi a modelagem das peças sobre a forma. Nesse momento foram feitas as primeiras alterações no desenho do calçado. Foi optado por um peso maior na região do tornozelo, assim como a diminuição da ponta. Essa etapa é essencial para entender a possibilidade de transposição do desenho 2D para o 3D. Nessa etapa também são feitas as medidas das peças que compõe o calçado de acordo com a medida de cada pé.



Figura 34 – Modelag5m

Esse primeiro modelo foi feito para um pé 38, padrão de sapatos fechados como exemplificação. Mas é importante ressaltar que a fabricação de calçados sobre medida segue um padrão de medidas para a melhor adequação do calçado para a pessoa que se destina.



- 1 - Ball measurement
- 2- Waist measurement
- 3 - Instep measurement
- 4 - Heel measurement
- 5 - Ankle measurement
- 6 - Lenght measurement

Figura 35 – Medições do pé

As medidas são retiradas a partir do parâmetro apresentado pela figura 35. O número 1 se designa a medida do peito do pé. 2 a cintura. 3 a medida da pisada interna. 4 a medida do calcanhar, ou medida do salto, 5 a medida do tornozelo e 6 o comprimento do pé.

Essas medidas são retiradas para melhor adequar a ergonomia do pé e criar as compensações necessárias para melhorar a pisada do pé.

Após a medição do pé e a modelagem sobre a forma, segue para o corte dos moldes no tecido. O tecido escolhido para o primeiro protótipo foi uma camiseta regata azul marinho de poliéster. -



Figura 36 – Moldes sobre camiseta

As peças foram cortadas e coladas com cola de PVC, vegana, em uma entretela feita a partir de material proveniente de descarte da própria sapataria. Esse processo posteriormente foi descartado na fabricação do Segundo protótipo.

Em seguida as peças foram preparadas para serem pespontadas. Pesponto significa o momento em que as peças são costuradas na máquina de costura. Para isso, as peças são coladas sobre o forro, feito de couro sintético, material típico de forragem de sandalhas e calçados finos.



Figura 37 – Peças sobre forro

A pespontagem é feita com os pedaços de forro ainda inteiros. Essa parte é uma das mais difíceis no processo de fabricação manual de calçados, tempo em mente que existe a necessidade de manter a costura em linhas retas e consisas, algo que parece muito mais fácil na teoria.



Figura 38 - Pesponto



Figura 39 – Peças pespontadas com erro

Paralelo a isso, é realizado o corte das solas e palmilhas, tendo a forma como parâmetro. Em trabalhos feitos sob encomenda, as formas são adaptadas de acordo com a medida do pé para quem o sapato será designado. Assim, o processo de corte das solas é o mesmo. Elas são cortadas e lixadas manualmente.



Figura 40 – Desenho da palmilha



Figura 41 - Palmilha

Com todas as peças prontas, se inicia a parte da montagem. E é onde aparecem os erros não previstos durante todo o processo de fabricação.



Figura 42 – Montagem primeiro protótipo

Erros como o de acabamento, costura, tensões são facilmente observados no primeiro protótipo, além das inadequações de projeto relacionadas as alterações feitas no desenho original na peça. Se percebe que existe um peso grande na região do tornozelo causada pela peça que não consta no desenho original. A mesma, além de mal acabada, contrasta de uma forma não sutil e não interessante com as tiras representativas das janelas de Brasília, perdendo assim, o seu propósito,



Figura 43 – Primeiro protótipo e erros de acabamento

As falhas de acabamento são fruto da falta de experiência, tendo em vista que esse fora o primeiro sapato fabricado. Tendo isso em mente, se criou a necessidade de entender a separação da função do designer e do artesão.

É impossível negar o fato de que um calçado sairá com uma qualidade superior quando feito por uma pessoa especialista nesse tipo de artesanato. Por esse motivo, para fins de apresentação a banca final, foi encomendado um par de calçados para os sapateiros da Sapataria Limeira. Este seria fabricado utilizando uma bermuda de tadel doada.



Figura 44 – Bermuda do Segundo protótipo

O Segundo protótipo fora fabricado sem a supervisão da designer e, por isso, sofreu com a interpretação própria do sapateiro e conseqüentemente, com alterações não autorizadas. É interessante perceber que existe espaço para a subjetividade do artesão, para que ele entenda o seu projeto na forma que o convém, baseado em sua própria bagagem estética, algo que pode por muitas vezes diferir ou até mesmo ser completamente antagônico com o pensamento do designer.

O Segundo protótipo consiste em:

- Sola, feita de látex reaproveitado
- Palmilha, de polímero. Retirada de materiais descartados da sapataria
- Forro, de couro sintético. Retirado de materiais descartados da sapataria
- Cabedal, de tadel reutilizado e resinificado a partir de bermuda velha

- Cola de PVC, vegana, a base d'água



Figura 45 – Segundo protótipo



Figura 46 – Segundo protótipo

Conclusões

A ideia de que possa existir um pensamento que bata de frente com o pensamento hegemônico de crescimento econômico, tão defendido pelo modelo neoliberal parece uma ideia tão distante, por muitas vezes aparenta ser uma ideia utópica. Mas e se a utopia se mostra possível?

Esse relatório parte de uma inquietação perante a ideia de que o modelo econômico vigente, tão quanto o modelo industrial é vendido como algo positivo, e que é tão bem mascarado que até mesmo os próprios designers, estes parte de uma profissão de grande nível de responsabilidade social, passam a não enxergar a problemática que está em sua volta. Buscou-se apontar algumas das diversas falhas que esse pensamento de estagnação, no sentido de aceitar o que é imposto, e dessa forma criar uma faísca de inquietude em quem terá acesso a esse texto.

E com todas essas denúncias, se mostrou essencial dar uma dose de pragmatismo, mostrando que mesmo com todas essas falhas no sistema, é possível criar um novo eixo de possibilidades, onde se valorize a inventividade, a criatividade e, sobretudo, o pensamento sustentável. E por mais que o caminho possa por muitas vezes parecer difícil, exaustivo, é um caminho possível e uma responsabilidade grande não só dos profissionais que pretendem produzir algum tipo de produto para o mercado, mas para todos os membros da sociedade.

A revolução é possível, a gente só precisa tentar (:

Bibliografia

- BRAUNGART, M.; MCDONOUGH, W. *Cradle to cradle: Criar e reciclar ilimitadamente*. GGBrasil: São Paulo, 2014.
- CARDOSO, Rafael. *Design para mundo complexo*. São Paulo: CosacNaify, 2012.
- FLETCHER, K. *Sustainable Fashion & Textiles Design Journeys*. Earthscan: London, 2008. □
- FREE THE SLAVES. *In: Slavery Today*. 2015. <<http://www.freetheslaves.net/about-slavery/slavery-today/>>, 10/04/2015.
- HAWKEN, P.; LOVINS, A.; LOVINS, H. *Natural Capitalism: Creating the Next Industrial Revolution*. Little, Brown & Company: 1999.
- HONORÉ, C. *In Praise of Slowness: Challenging the Cult of Speed (Plus)*. HarperOne: 2005.
- LEBOW, V. Price Competition in 1955. *Journal of Retailing*. 1955.
- NEUMARK, D.; ZHANG, J.; CICCARELLA, S. The effects of Wal-Mart on local labor markets. *Journal of Urban Economics*, v.63: 405-430. Elsevier, 2007.
- THORPE, A. *Better consumption or less consumption — Battling surveys & reports*. 2013. <<http://designactivism.net/archives/788>>, 10/04/2015.
- VASSÃO, C. A. *Metadesign: ferramentas, estratégias e ética para a complexidade*. São Paulo: Blucher, 2010.
- LENO, J.B. *The art of boot & Shoemaking*. Martino Publishing: 2010
- HOSKINS, T.E. *Stitched Up – The Anticapitalist Book of Fashion*. Pluto Press: 2014
- LIPOVETSKY, G. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: companhia das letras, 1987.
- SHINAMURA, E.; CELESTE, M.; SANCHES, F; *O Fast Fashion e a identidade de marca* v.3 n.2, 2002
- CRANE, D. *Fashion and its social agendas: Class, Gender and Identity in Clothing*. The University of Chicago Press , 2000

The Slow Revolution. 2012. Disponível em: <
<https://www.youtube.com/watch?v=uyv8eFHbsvk>>

PARSONS: Stephan Weiss Memorial Lecture: Kate Fletcher 2012. Disponível em: <
https://www.youtube.com/watch?v=mY_dfXCZ9SA>

Lúcio Costa volta a Brasília: "É muito diferente do que eu tinha imaginado". 2014.
Disponível em

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2014/12/26/interna_cidade_sdf,463543/lucio-costa-volta-a-brasil-e-muito-diferente-do-que-eu-tinha-imaginado.shtml>

TJDFT declara constitucional a lei dos puxadinhos. 2011. Disponível em: < <http://tj-df.jusbrasil.com.br/noticias/2654196/tjdft-declara-constitucional-lei-dos-puxadinhos>>

Rana Plaza. 2014. Disponível em: < <http://www.cleanclothes.org/ranaplaza>>

Who needs to pay up. 2014. Disponível em: <
<http://www.cleanclothes.org/ranaplaza/who-needs-to-pay-up>>

Flagrantes de trabalho escravo na indústria têxtil no Brasil. 2012. Disponível em <
<http://reporterbrasil.org.br/2012/07/especial-flagrantes-de-trabalho-escravo-na-industria-textil-no-brasil/>>

Anexo – Pesquisa Facebook



Suzana Maria
May 11 · Edited ·  

Marcas de gente fazendo em Brasília quem sabe?
Roupa, acessórios, sapatos, objetos, coisinhas etc

Like · Comment · Share

 Isadora Maria, Isabela Kempinas, Luana Ponto and 13 others like this.



Anaeli Xavier que?
Like · Reply ·  1 · May 11 at 12:39pm



Stenio Freitas Freitas eu
Like · Reply · May 11 at 12:47pm



Carla Ramos Conheço um monte.
Like · Reply · May 11 at 12:57pm



Annima de Mattos Fazendo o que?
Like · Reply ·  1 · May 11 at 12:59pm

  Joao Diniz replied · 1 Reply



Cochilo Taqueta Fulanitas De Tal ?
Like · Reply · May 11 at 1:01pm



Carla Ramos Romildo Nascimento Samara Dória Vania Gavião Olavo Cesar
Bandeira Filho Fernanda Difuzi Fernanda Ferrugem
Like · Reply ·  2 · May 11 at 1:02pm



Daniela Pesce Fonteles Cabral Helmet a minha 😊
Like · Reply ·  5 · May 11 at 1:15pm



Daniela Pesce Fonteles Cabral Conheço também a LALETÁ e a Quero
Melancia
Like · Reply ·  1 · May 11 at 1:17pm



Stv Chezz @Chezz Recs
Like · Reply ·  1 · May 11 at 1:29pm



Stv Chezz não sei pq nunca consigo dar tag em page pelo cel
Like · Reply · May 11 at 1:29pm



Pedro Paulo Ribeiro Chezz Recs

Like · Reply · 1 · May 11 at 1:32pm



Pedro Paulo Ribeiro nerd

Like · Reply · 1 · May 11 at 1:32pm



Stv Chezz boa pp-ta

Like · Reply · 1 · May 11 at 1:33pm



Paula Petit Cesto de Amoras - Atelier (coisinhas)

Like · Reply · May 11 at 1:42pm



Paula Petit e eu faço acessórios, só n tenho uma marca (ainda) hehe

Like · Reply · May 11 at 1:43pm



Fernanda Ferrugem Frida sem Calo Layana Thomaz

Like · Reply · May 11 at 1:43pm



Ana Carolina Lacombe Atelie Mabelle

Like · Reply · 1 · May 11 at 1:44pm



Fernanda Ferrugem Akihito Hira

Like · Reply · May 11 at 1:45pm



Annima de Mattos Tem aquela que faz calçados próprios pro cerrado, fica ali na 6 acho

Like · Reply · May 11 at 1:53pm



Rafael Viana Ivson Samabourque

Like · Reply · 1 · May 11 at 1:59pm



Rafael Viana Pinq Industryy

Like · Reply · 1 · May 11 at 2:01pm

Pinq Industryy replied · 1 Reply



Carolina Vieira Gertrudes Criativas 😞

Like · Reply · May 11 at 2:01pm



Rafael Viana Sumaya Aissami

Like · Reply · May 11 at 2:02pm



Carolina Vieira Ateliê Literário

Like · Reply · 1 · May 11 at 2:03pm



Isadora Almeida MUG

Like · Reply · May 11 at 2:03pm



Dinhero Eh Papel Cripta Sktboards

Like · Reply · 1 · May 11 at 2:06pm



Kildery Reis Ferrugem Essa maravilhosa ai :B

Like · Reply · May 11 at 2:14pm · Edited



Rafael Viana Luisa Farani

Like · Reply · May 11 at 2:13pm



Thum Thompson Quero Melancia da Thais Madureira

Dane-se do Daniel Moreira

Cliche Man do Bruno Eustáquio ... See More

Like · Reply · 3 · May 11 at 2:17pm



Augusto Botelho fb.com/meszines

Like · Reply · 1 · May 11 at 2:19pm



Augusto Botelho Tem a Sara Rosa tbm com a lebre Lunar

Like · Reply · 1 · May 11 at 2:19pm



Gabriel H. Romero Alquimia urbana

Like · Reply · 1 · May 11 at 2:21pm



Rafael Viana Ana Smile

Like · Reply · 1 · May 11 at 2:24pm



Evy Bernardes @queromelancia Quero Melancia

Like · Reply · 1 · May 11 at 2:25pm



Pablo Montenegro Plank Fingerboards !! Francisco

Like · Reply · 2 · May 11 at 2:30pm



João Navarro Pau-Brasília

Like · Reply · 1 · May 11 at 2:31pm



Tainara Leão Tinta preta Hyago Leão

Like · Reply · 1 · May 11 at 2:44pm

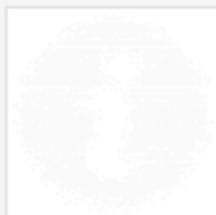


Ana Beatriz Albertini Dantas Capim Estrela 😊

Like · Reply · 1 · May 11 at 2:58pm



Roberta Nunes <http://www.negroblue.com.br/>



Negroblue

Shop powered by PrestaShop

NEGROBLUE.COM.BR

Like · Reply · Remove Preview · 1 · May 11 at 3:02pm



Alessandra Vicentini Iboo Bsb

Like · Reply · 1 · May 11 at 3:03pm



Caê Penna <https://www.facebook.com/sejaipe>



Like · Reply · Remove Preview · 1 · May 11 at 3:08pm



Caê Penna <https://www.facebook.com/mimopress>



Like · Reply · Remove Preview · 1 · May 11 at 3:09pm

**Suzana Maria**

April 27 ·

Você tem uma roupa velha, rasgada, um sapato furado, uma bolsa desbotada em casa?

E você pilha de me doar isso?

(É prum trabalho hehehe o mesmo de todas as outras perguntS)

[Like](#) · [Comment](#) · [Share](#)

Bruno Lechensque, Camila Batatinha, Yaminah Telmith and 18 others like this.

**Neuer Johannes** quantos trabalhos rsApril 27 at 11:11am · [Like](#)**Cochilo Taqueta** tenho, se quiser me ligarApril 27 at 11:13am · [Like](#)**Cochilo Taqueta** 99243151April 27 at 11:13am · [Like](#)**Caroline Meireles** Ter tenho, só moro longeApril 27 at 11:18am · [Like](#) · 1**Annima de Mattos** tendência mendigo chiqueApril 27 at 11:19am · [Like](#) · 5**Annima de Mattos** tenho muitas coisas assim, mas todas elas ainda tão em usoApril 27 at 11:20am · [Like](#) · 2**Ana Maria Sena** tenho uma bolsa que literalmente arranquei o couro e umas blusas. Se pá, combina um dia que eu levo pra UnB é pouquinha coisa :pppApril 27 at 11:26am · [Like](#)**Rafa Dantas** Voutrazer amanha p aula, pode ser?April 27 at 11:27am · [Like](#)**Stenio Freitas Freitas** eu tenhoApril 27 at 11:57am · [Like](#)**Dinheiro Eh Papel** sim, não.April 27 at 12:01pm · [Like](#)

-  **Aga Erre Gê Bontempo** tenho 8130198230192839012830 de coisas migs
April 27 at 12:08pm · Like
-  **Júlia Andrighetti** Tenho demais
April 27 at 12:26pm · Like
-  **Kildery Reis** Tenho monte de coisa
April 27 at 12:32pm · Like
-  **Aurélio Jota** Tenho alguns sapatos pra doar, Su
April 27 at 12:42pm · Like
-  **Nay Correa** Tenho
April 27 at 12:45pm · Like
-  **Carol Abreu de Paula** Sim e sim 😊
April 27 at 1:16pm · Like
-  **Gabriel H. Romero** Não tenho mais, já doei
April 27 at 1:50pm · Like
-  **Manon Garcia** Tenho vou dar pro João te entregar 😊
April 27 at 2:26pm · Like
-  **Suzana Maria** Obrigada gent! Estarei na UnB quarta feira inteira (((: quem quiser/puder me encontrar plis: 84339633
April 27 at 3:35pm · Like
-  **Carol Nascimento** Não.. eu costuro, transformo em outra coisa, mando pro sapateiro (se for sapato) ou tinjo pra reavivar a cor. Quando não tem mais jeito.. os sapatos vão pro lixo e as roupas viram pano pra usar em casa :x
April 28 at 2:13pm · Like
-  **Suzana Maria** gente quem tiver me da aquele toque? quero coletar essa semana se possivel (((:
May 12 at 9:53am · Like · 👍 1
-  **Renato Rios** Tenho uma sacolona cheia de roupa pra doar. Ainda quer?
May 12 at 10:15am · Unlike · 👍 1
-  **Suzana Maria** Simmmmmmm plmdds eu preciso muito! Quando rola de buscar?
May 12 at 11:09am · Like
-  **Renato Rios** uai, se quiser passar aqui hoje, tô o dia todo por conta do nanquim, essas coisas
May 12 at 11:11am · Like

**Suzana Maria**

April 26 · Edited ·

O que voce jogou no lixo hoje?
(É prum trabalho galera ajudaeeee)

Like · Comment · Share

Alex Tanúria, Gêssica Oliveira, Nathan Rodrigues and 13 others like this.


Brendda Costa Lima alguns restos do almoço... e meio pacote de uvas que estragaram t.t

April 26 at 3:12pm · Like


Ramona Krüger guardanapo

April 26 at 3:15pm · Like


高封岳 esperança

April 26 at 3:19pm · Like · 23


Hanna Rommel Um pacote vazio de ruffles e dois canhotos de passagem de ônibus

April 26 at 3:21pm · Like


Letícia Dourado resto de comida, fraldas, papel higiênico e folhas secas da arvore.

April 26 at 3:22pm · Like · 1


Gabi Machado sonhos e ilusões

April 26 at 3:22pm · Like · 14


Gabi Machado (mentira, resto de comida)

April 26 at 3:22pm · Like · 1


Clarice Dellape embalagens de chocolate

April 26 at 3:22pm · Like


Gabriela Bara guardanapo, copo plástico, papel higiênico, saquinho de chá usado

April 26 at 3:22pm · Like


Ana Maria Sena resto de tecido que usei pra fazer um lenço e muito papel

April 26 at 3:23pm · Like



Eva Brauun Uma caixinha de nescau de caixinha 'u'

April 26 at 3:24pm · Like



Li Henriques Papel higiênico, guardanapos e embalagem de sorvete.

April 26 at 3:24pm · Like



Ana Maria Sena Se pá,minha vitalidade e vida foi no meio tbm

April 26 at 3:24pm · Like · 2



Gabriela Bells minha dignidade

April 26 at 3:25pm · Like · 6



Gabriela Bells e papel

April 26 at 3:25pm · Like



Thalita Barbosa algodão que usei pra tirar maquiagem

April 26 at 3:26pm · Like



Déborah Nogueira papelzinho da segunda via de compra no cartão e uma marmitta de isopor

April 26 at 3:30pm · Like



Júlia Caetano Cabinho de caqui

April 26 at 3:31pm · Like



Amanda Caria Uma caixa de pizza e muito papel higienico

April 26 at 3:31pm · Like



Raíssa Felipe Leite Pacote de miojo

April 26 at 3:32pm · Like



Mariana Barros Pacote de camisinha, pacote de salgadinho, papel higiênico, lenço de tirar maquiagem.

April 26 at 3:33pm · Like



Isa Lchnr Pontassss

April 26 at 3:33pm · Like · 1



Letícia X. Oliveira Restos d feltro e tecido

April 26 at 3:34pm · Like



Gabriela Touguinha papel filme, lenço de tirar a maquiagem, papel toalha e papel higiênico

April 26 at 3:34pm · Like



Aline Henning D'Antonino Um monte de embalagem de plástico sem propósito de coisas que eu comprei, uns lixos que tavam no chão do quintal, a sujeira que minha calopsita deixou na gaiola, o cocô dos gato. c:

April 26 at 3:35pm · Like



Victor Savas Jacques uns 5 fósforos horríveis que não acendiam

April 26 at 3:35pm · Like · 1



Chayenne Mayara Papel de pão, guarda napo, papel higiênico...

April 26 at 3:36pm · Like



Giovana Macedo dois absorventes, um rolo de papel, quatro guardanapos, duas garrafas vazias e tres lencinhos

April 26 at 3:36pm · Like



Carú Moira duas cascas de banana, papel higienico, cotonete, a embalagem do pacote de aveia, folhinha de morango

April 26 at 3:40pm · Edited · Like



Maiara Barbosa A cebola da quentinha

April 26 at 3:40pm · Like



Mayara Tays Jornal de xixi de cachorro

April 26 at 3:41pm · Like



Letícia Vieira Goulart casca de ovo, papel higiênico

April 26 at 3:45pm · Like



Sandra Mara Portocarrero melitta que usei para fazer café

April 26 at 3:49pm · Like



IL Ribeiro casca de banana

April 26 at 3:49pm · Like



Lorena Duarte Pacote de azeitonas

April 26 at 3:51pm · Like



Divina Francis Casca de banana

April 26 at 3:58pm · Like



Cláudia Keiko Itami Guardanapo e uma abelha morta!

April 26 at 3:59pm · Like



Gabriela Lemos Cinzas e cabelos

April 26 at 4:01pm · Like · 1



Jéssica Figueiredo embalagem de iogurte, papel higiênico

April 26 at 4:03pm · Edited · Like



Karine Jost de Lima o filtro do meu cigarro fumado!

April 26 at 4:06pm · Like



Nay Correa Bagaço de laranja, pote de requeijão

April 26 at 4:08pm · Like



Beatriz Perini resto de comida que tava no ralo da pia, papel higiênico, embalagem de chocolate, recibos velhos, embalagem de plástico de brigadonha

April 26 at 4:21pm · Like



Natalie Elisa Marques Restinho de salpicão e extrato bancário

April 26 at 4:22pm · Like



David Almeida um pézinho de coentro q tinha morrido e casca de banana

April 26 at 4:24pm · Like

...



Luiza Kirovsky MINHA VIDA

April 26 at 4:24pm · Like ·  5



Luiza Kirovsky zoa, joguei papel, resto de comida

April 26 at 4:24pm · Like



Brenda Marques até agora só absorvente, e plásticos embalagens do absorvente

April 26 at 4:32pm · Like



Amanda Reis Papel higiênico e uma embalagem

April 26 at 4:39pm · Like



Eduardo Vinícius 3 camisinhas, umas 5 latas de cerveja, embalagem de tic tac, aquele folheto descrevendo o que vai rolar a missa, guardanapo, um halls derretido e acho que só.

April 26 at 4:44pm · Like ·  1



Maiara Martins embalagens do giraffas

April 26 at 4:46pm · Like



Flavia Brioschi trabalho de escola antigo

April 26 at 4:48pm · Like



Isadora Fernandes Plástico que envolvia uma revista que comprei

April 26 at 4:53pm · Like



Sandra Flosi Até o meio da tarde, ainda não joguei nada no lixo. Só destinei algumas coisas para a reciclagem.

April 26 at 4:56pm · Like



Bruna Karnachovas Metade de um incenso de maçã verde e grampos de cabelo.

April 26 at 4:57pm · Like



Isadora Maria casca de ovo, papel higiênico, pote de danete

April 26 at 5:03pm · Like



Laura Athayde Lenço umedecido sujo de maquiagem

April 26 at 5:08pm · Like



Bianca Nafe Muuuuuuita coisa estou me mudando pra sampa e joguei produtos de higiene pessoal alicate tesouras pinças etc etc etc roupas velhas sapatos

April 26 at 5:17pm · Like



Bug Grbski Caixa de seda

April 26 at 5:19pm · Like



Anaïs Almeida A marmitinha do delivery e a embalagem de uma parada de limpar banheiro

April 26 at 5:21pm · Like



Bruna Fernandes Miolo de pão, embalagem de frios, pelo de cachorro, papel higiênico

April 26 at 5:28pm · Like



Jéssica Carls dignidade

April 26 at 5:34pm · Like ·  2



Gabriel H. Romero Garrafas de cerveja e pote de manteiga de amendoim

April 26 at 5:34pm · Like



Marcela Zanola Caixa de pizza, casca de batata e papel higiênico

April 26 at 5:36pm · Like



Érica Wolf Latas de cerveja

April 26 at 5:50pm · Like



Andressa Mendonça Farellos de Brownie

April 26 at 6:06pm · Like

**Suzana Maria**

April 7 · Edited ·

O que é Brasília pra você?

(é prum trabalho então quem quiser responder qualquer coisa que seja ajuda hehe)

Like · Comment · Share

Marcela Moraes de Vasconcelos, Lua Isa, Isabel Izzy Carvalho and 10 others like this.

**Stenio Freitas Freitas** bauhaus

April 7 at 2:41pm · Unlike · 8

**Renato Rocha Lima** Mal compreendida.

April 7 at 2:42pm · Unlike · 9

**Venus Jezebel** nada

April 7 at 2:43pm · Unlike · 2

**Gustavo Loureiro** meu ovo esquerdo

April 7 at 2:48pm · Unlike · 1

**Victor Furtado** L0K4

April 7 at 2:52pm · Unlike · 3

**Anaeli Xavier** ego

April 7 at 3:01pm · Unlike · 2

**Danilo Oliveira** Correria

April 7 at 3:02pm · Like

**Arthur Vilela** Lonjuras verdes

April 7 at 3:07pm · Like · 5

**Thais Rodrigues** Um espaço urbano de conflitos.

April 7 at 3:07pm · Like

**Maria Cecília Coelho** Uma grande festa estranha com gente esquisita (que eu amo e não quero vazar nunca)

April 7 at 3:09pm · Like · 5

**Idyahuri Nunes** panelinhas

April 7 at 3:10pm · Like · 2



Natasha Amorim Maximiano modernismo

April 7 at 3:11pm · Like



Carú Moira um aquário sem água

April 7 at 3:12pm · Like



Yan Soares de Freitas Colarinho branco

April 7 at 3:13pm · Like · 1



Déborah Nogueira um amigo falou outro dia e eu não podia concordar mais: Brasília é tipo uma tela em branco, com muito espaço pra pensar e criar o que quiser.

April 7 at 3:16pm · Like · 1



Fernando Lopes A capital do "você sabe com quem está falando?"

April 7 at 3:17pm · Like · 2



Fernanda Ferrugem eh magiaaaa

April 7 at 3:17pm · Like



Júlio Freitas Na real q é um avião, ou borboleta hauahsuahsuahsu

April 7 at 3:18pm · Like



Clara Shiratori Uma linda mistura de arquitetura e cerrado

April 7 at 3:22pm · Like · 1



Chrysippo Aguiar Diversão.

April 7 at 3:29pm · Like



Sofia Brescianini O lugar que a gente sempre quer voltar

April 7 at 3:29pm · Like · 1



Idilyo Cardosi Brasília eh uma cidade que se constitui ao longo do tempo e das distancias. Profetizada por dom bosco, construida por JK com as artes de Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Athos Bulcão e Burle Marx. Inumeros imigrantes vieram de todo o pais para constituir e... [See More](#)

April 7 at 3:29pm · Like · 1



Laura Leão Foine um centro cirúrgico

April 7 at 3:32pm · Like



Marcos Morce Deserto.

April 7 at 3:34pm · Like



Elisa Guimarães Germano aviaiu

April 7 at 3:35pm · Like



Renato Rios um lugar do caralho

April 7 at 3:36pm · Like



Anaïs Almeida Céu de aquarela

April 7 at 3:37pm · Like · 1



Jade Araujo uma grande família já que geral se conhece

April 7 at 3:37pm · Like · 2



Matheus Costa Não é tipo, uma cidade aí?

April 7 at 3:38pm · Like · 1



Luan Autuori acho isso

<https://vimeo.com/124236158>



Brasilia

An alternately factual documentary presented by nameless hosts Reggie Watts and Carolina Ravassa,...

VIMEO.COM

April 7 at 3:38pm · Like · 4 · Remove Preview



Mickael Rabello https://www.youtube.com/watch?v=tSnYor9_1jl



Cidade Cemitério - Contra o Mundo

Cidade Cemitério - Contra o Mundo Em...

YOUTUBE.COM

April 7 at 3:39pm · Like · Remove Preview



Vicente Ramos Um projeto de cidade e de pessoas que se projetam em busca de se realizarem.

April 7 at 3:40pm · Like



Raul Chagas Família

April 7 at 3:43pm · Like



Cris Cardoso Câmara Legislativa = toda errada

April 7 at 3:44pm · Like

-  **Giovana Macedo** longe
April 7 at 3:46pm · Like ·  6
-  **Ana Torquato** quente
April 7 at 3:46pm · Like
-  **Bug Grbski Migos**
April 7 at 3:53pm · Like
-  **Savas Isabela** superquadras
April 7 at 3:57pm · Like
-  **Capó Dell Isola** brasilia é um lugar sem nada pra fazer com todas as pessoas com as quais eu queria estar
April 7 at 4:02pm · Like ·  3
-  **Júlia Caetano** faz meu nariz sangrar, imagino robôs morando ai, todo mundo meio Garnet... terra roxa que na verdade é vermelha, então, mentiras iapsuhfdshfa
April 7 at 4:03pm · Like
-  **Isa Lchnr** Cidade planejada com um belo desing~~~~~
April 7 at 4:03pm · Like
-  **Isa Lchnr** Com umas pessoas bem massas
April 7 at 4:04pm · Like
-  **Renato Lins** Brasília é que nem morar na casa dos pais, dá uma puta vontade de ir embora e quando longe dá vontade de voltar.
April 7 at 4:04pm · Like ·  9
-  **Ingrid Rizzieri** .um lugar que eu nunca fui.
April 7 at 4:06pm · Like
-  **Isabel Se Oh** Rostos conhecidos 😊
April 7 at 4:18pm · Like ·  3
-  **Heron Prado** uma cidade criança, que ainda não se definiu e tá só curtindo
April 7 at 4:23pm · Like
-  **Amanda Pinto** dizem que nao tem esquina mas nao faço ideia de como isso é possível
April 7 at 4:25pm · Like ·  1
-  **Laura Athayde** só conheço o trajeto do aeroporto pro STJ, que é bem deserto exceto pelo complexo gigante, futurista e meio opressor do Judiciário
April 7 at 4:32pm · Like



Emília Wolf não lembro onde foi que eu li mas alguém alguma vez disse que "Brasília é o futuro do passado"

April 7 at 4:46pm · Like · 3



Larissa Guedes uma cidade de 1 rolê só

April 7 at 4:48pm · Like



Isa Veloso Brasília = ilha. Tem sempre alguém que conhece alguém que te conhece e etc, se organizar direitinho...

April 7 at 4:48pm · Like



Luiz Machado de Carvalho climaticamente instável

April 7 at 4:52pm · Like · 2



Maria Magdalena Neu brasilia eh uma bolha econômica e um parque urbano

April 7 at 4:56pm · Like · 1



Sandra Flosi Uma capital de país, com mentalidade de cidade do interior.

April 7 at 5:03pm · Like · 2



Mariana Trevizolo É um conto do Nelson Rodrigues, musicado pelo Ney Matogrosso cantado na voz de Cassia Eller. Renato Russo fez uma versão também, mas ficou na gaveta.

April 7 at 5:13pm · Like · 2



Daniela De Carvalho Duarte "Brasília é um deserto de rostos conhecidos", acho que vi em stencil por aí.

Pra mim, Brasília é a junção do céu de aquarela com universidade política e muitas risadas entre ipês de todas as cores. É uma capital verde, uma das poucas no mundo - ao menos o plano piloto, que foi planejado. A UnB é quase metade da cidade e é um organismo à parte ao mesmo tempo.

April 7 at 5:20pm · Edited · Like



Suzana Maria Brasilia são predios brancos sujos de poeira vermelha

April 7 at 5:22pm · Like · 5



Josefa Letícia Uma casa de bonecas, labirinto.

April 7 at 5:52pm · Like



Clinton Anderson Um automóvel produzido de 1973 até 1982 pela Volkswagen do Brasil. (Definido internamente como modelo/tipo "102") Foi projetado para aliar a robustez do Volkswagen Fusca, um carro consagrado no mercado, com o conforto de um automóvel com maior espaço interno e desenho mais contemporâneo. É um carro pequeno, de linhas retas e grande área envidraçada.

April 7 at 5:55pm · Like · 7



Cochilo Taqueta Brasilia eh espelho e ceu

April 7 at 5:55pm · Like · 1



Suzana Maria Tiago Barros

April 7 at 6:06pm · Like



Raul Seppa Reiman um perfil fake

April 7 at 6:09pm · Like · 3



Matheus Andrade Gouvea Um céu que te engole

April 7 at 6:11pm · Like · 1



Isa Valença a bolha de cristal.... a cidade do interior que brinca de cidade grande e da a luz a pequenos caipiras de casacos coloridos..... a capital que dorme as 11 da noite e dorme bem: nao da pra escutar o resto do mundo explodindo daqui.

April 7 at 6:12pm · Like · 2



Virgínia Soares Uma maquete viva!!

April 7 at 6:14pm · Like · 1



Bruna Barlach Ninguém sabe, ninguém viu

April 7 at 6:29pm · Like



Anna Carolina Soares um aeroporto.

April 7 at 7:00pm · Like



Diogo Trindade Fois Brasilia é: Eu, você, alguém que ambos conhecemos e um céu maravilhoso.

April 7 at 8:49pm · Like · 1



Victor Papaleo Capital do silêncio

April 7 at 9:32pm · Like · 1



Kildery Reis Colo para os forasteiros

April 7 at 9:50pm · Like · 2



Fatima Frota Um avião e uma bússola

April 7 at 10:22pm · Like



Leonardo Saraiva Chernobyl com carros

April 8 at 12:41am · Like · 2



Dany Miranda Um ovo podre

April 8 at 1:04am · Like



Rodrigo Koshino uma cidade maravilhosa, com pessoas maravilhosass

April 8 at 1:10am · Like · 1